

Secundaristas realizam congresso nacional



Maurício Moraes

O presidente da Ubes, Kerison Lopes (ao lado), faz um balanço das atividades da atual gestão e fala sobre o Congresso da entidade que começa dia 13, em Juiz de Fora /MG. Ele diz que a Ubes quer transformar seu con-

gresso em um grande ato de oposição a FHC. Recentemente, a Justiça reconheceu a existência de uma única entidade nacional dos secundaristas. Cerca de 5 mil estudantes participaram do Congresso.

Página 14

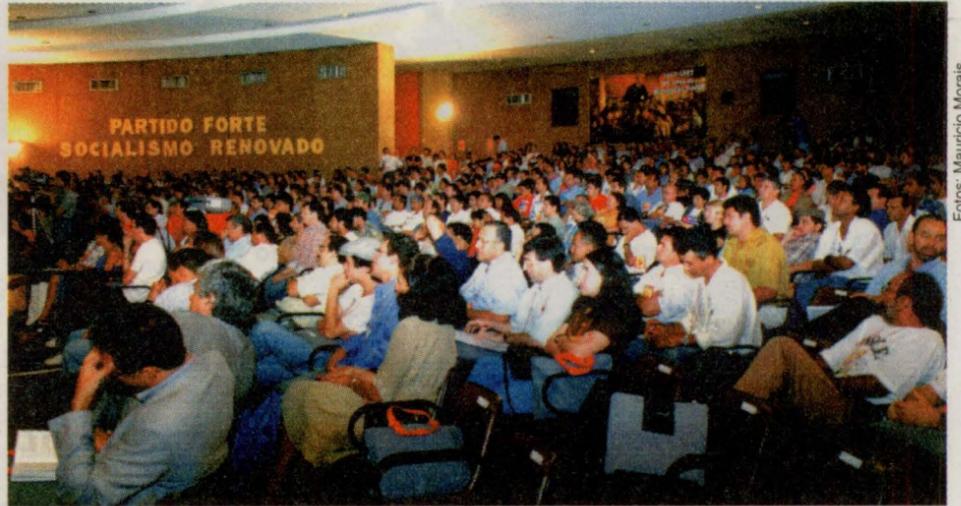
A Classe Operária



PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNÍ-VOS

R\$ 1,00

Órgão Central do Partido Comunista do Brasil



Fotos: Maurício Moraes

Durante três dias, 800 delegados debateram o Projeto de Resolução, no maior congresso já realizado pelo PCdoB. Diversas personalidades participaram do encerramento defendendo a ampliação da frente de oposição

Ato pela unidade das oposições encerra 9º Congresso do PCdoB

MOBILIZAÇÃO

Encontro Nacional contra o Neoliberalismo, por Terra, Trabalho e Cidadania será em São Paulo, no dia 6 de dezembro

Página 12

BOLSAS

Queda nas bolsas de valores em todo mundo: fragilidade neoliberal

Página 11

SAÚDE

Governo cede aos lobes privados e transforma saúde em mercadoria

Página 13



Oposição derrotada Menem na Argentina

O partido peronista sofreu sua maior derrota em toda a história. A vitória da oposição unida superou as expectativas e conquistou a maioria do Parlamento. Em todo o país, a Aliança Opositorista obteve 45,7% dos votos e o peronismo ficou com 36,1%.

A derrota da política de Carlos Menem e de seu servilismo aos Estados Unidos demonstra o descontentamento crescente com a exclusão social e econômica imposta ao país.

Debate e unidade marcaram a plenária final do Congresso, que contou com a presença de lideranças oposicionistas nacionais e de delegações de partidos comunistas de vários países.

Páginas 3 a 8

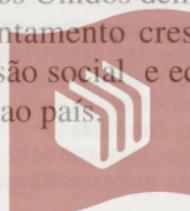


Foto divulgação

Wilker, como Antônio Conselheiro

Guerra de Canudos

100 anos depois, a saga de Antônio Conselheiro ganha as telas numa superprodução de Sérgio Rezende. Última página



CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois



Plenária final do 9º Congresso do PCdoB, em São Paulo

Ao povo brasileiro

Mensagem do 9º Congresso do PCdoB

O Partido Comunista do Brasil, no encerramento do seu 9º Congresso, faz um alerta, aos trabalhadores e ao povo brasileiro, sobre a extrema gravidade da situação do País.

O esforço de desenvolvimento nacional está sendo destruído por esta elite governante que, sob Fernando Henrique Cardoso, transforma orientações estrangeiras em programa de governo, em benefício de uma minoria de privilegiados.

A Pátria está em perigo e, com ela, a vida do povo. A luta contra o domínio neoliberal se impõe às forças progressistas, democráticas e nacionalistas. O desemprego cresce como nunca. Trabalhadores rurais são escoraçados na luta por um pedaço de terra, em nome de uma lei que garante a propriedade aos latifundiários e mantém vastos territórios improdutivos. A parcela dos trabalhadores e assalariados na distribuição da riqueza nacional cai; os ricos ficam mais ricos, e os pobres mais pobres. A tragédia humana resultante transparece no descalabro geral: escola pública abandonada; profissionais de saúde incapacitados de cumprir sua missão; doentes que morrem à míngua, sem acesso ao SUS; moléstias antes controladas, como sarampo, tuberculose ou cólera, reaparecem; a falta de segurança e o medo tornam-se parte da vida de todos.

A hora é de emergência. Multiplicam-se os atentados contra direitos dos trabalhadores e da população. Liberdades democráticas tidas como consolidadas estão sob ataque e podem desaparecer.

A soberania nacional, resul-

tado da luta dos povos pela autonomia e autodeterminação, é hoje mercadoria negociada a preço vil nos balcões do capitalismo internacional. A civilização também corre perigo. A convivência nas grandes cidades transformou-se em guerra civil disfarçada, onde quadrilhas de criminosos agem desvoltoas, o narcotráfico prolifera, e a vida humana deixa de ser o valor mais alto a ser preservado.

O domínio neoliberal impõe a necessidade de mobilização de amplas forças avançadas para construir uma sociedade mais justa. O Brasil precisa de um novo caminho de desenvolvimento, capaz de superar os enormes desafios da crise atual. E que seja a expressão dos anseios de todos os que estão em contradição com o neoliberalismo - operários, assalariados, trabalhadores rurais, funcionários públicos, profissionais liberais, trabalhadores técnicos e científicos, pequenos e médios empresários.

As bases desse desenvolvimento devem ser a defesa dos direitos dos trabalhadores e das conquistas populares, da soberania nacional, da reforma agrária, do aprofundamento da democracia, e do desenvolvimento nacional autônomo e independente. Um caminho que seja capaz de reunir a ampla frente de oposição aos planos sinistros de Fernando Henrique Cardoso de subordinação ao domínio do imperialismo norte-americano.

Brasileiros, homens e mulheres! Embora poderosos, nossos adversários nada podem contra a força das multidões. Só a firme unidade dos trabalhado-

res e das massas populares pode levar a um mundo mais justo. A união do povo, a partir de seus partidos políticos, sindicatos, locais de trabalho, escolas, associações de moradores - esse será o caminho partilhado por todos para a construção do futuro.

Em seus 75 anos de existência, o Partido Comunista do Brasil sempre lutou em defesa do socialismo, da democracia, da independência nacional e da elevação das condições materiais e intelectuais de vida do povo. Nessa trajetória, os comunistas construíram uma tradição de compromisso com o progresso social.

Coerente com essa trajetória, o PCdoB convoca o povo de nosso país a marchar unido no combate implacável contra o projeto neoliberal. A eleição de 1998 será uma batalha importante neste embate de salvação nacional. Nela, a tarefa urgente das forças progressistas é a construção de uma ampla frente de oposição - patriótica, democrática e popular - para derrotar os inimigos do povo e do Brasil.

Brasileiros, trabalhadores! Fiel aos seus compromissos com o povo e a nação, e cômico das suas responsabilidades para com o presente e o futuro da nossa gente, o Partido Comunista do Brasil faz um vivo apelo à união de todos os democratas e patriotas para abrir caminho à conquista dos elevados ideais da emancipação nacional e social.

Cheios de confiança no futuro, proclamamos: unamo-nos, brasileiros! **A unidade é a bandeira da esperança!**

A Farsa de um Cidadão do Mundo

Sérgio Benassi

Ele é um cidadão que ostenta uma faixa presidencial sobre o peito onde apodrece um coração, esturricado pela falta do oxigênio dos compromissos nacionais.

Um cérebro renegado, que nega tudo o que pensou, disse ou escreveu. Tornou-se um "incompreendido" acochado pelos "atrasados" tão distantes de sua olímpica altura.

Rasgou o documento de brasileiro "com o pé na cozinha", rejeitou a condição de "caipira" incapaz de ver o outro lado do mundo. Só sente-se reconhecido, lépido bailarino festejado, nos salões da corte internacional do capital.

Todos os seus opositores, indiscriminadamente, são vítimas de certa "mentalidade crioula", distúrbio sociológico por ele já identificado há algum tempo. Por isso, o território onde nasceu e viveu é tão atrasado e provinciano. A tentativa de ser país independente e soberano para ele é coisa de um passado ignóbil, xenófobo. Não cabe num peito oco de cosmopolita, tão deslumbrado quanto servil, algo anacrônico com o sentimento de nacionalidade.

Ele prefere os novos paradigmas globalizantes, que devem ser aceitos sem contestações, por serem "inevitáveis", só não vêem esta verdade os "atrasados". Recusa a tradição "patrimonialista" nacional, prefere a integração plena e subordinada, patrocinada pelo processo de (en)globalização.

Orgulha-se de ser o introdutor da prática moderna da administração do Estado. Os governantes anteriores eram paternalistas, interventores em excesso e cartorialistas de segmentos da economia. Incharam o Estado que se tornou elefântico. Ele é o cirurgião que, de bisturi em uma das mãos, corta seguidamente pedaços desta

máquina obesa e com uma marreta na outra desmonta criteriosamente toda ação de Estado voltada ao desenvolvimento, devolvendo tudo ao fogo eterno e estimulante do mercado. Oferece neste altar de sacrifícios todo o patrimônio estatal para o apetite insaciável do festivo mercado de capitais englobalante. Com a mente e o coração já corroídos, não se preocupa sequer em disfarçar o saque e vende tudo a preços ultrajantes. Desconsidera totalmente o fato de que este patrimônio serviu de base fundamental para a etapa de desenvolvimento econômico e industrial e que nos colocou como décima economia do mundo.

O novo perfil de mascate do patrimônio nacional cobra ainda maior coerência. Por isso ele está "ávido de ideologia". Encontrou uma adequada, fornecida pelo manual de Consenso de Washington. Nela exigem que o Estado deixe de ser paternalista e promova a realidade fiscal, ou seja, se retire da economia como já vimos mas, igualmente, pare de gastar tanto com os pobres. Os velhos liberais adeptos de John Locke já haviam avisado que o Estado provedor acaba por ser demiurgo da "liberdade" e impediu o progresso. Ele concorda com a tese de séculos atrás, hoje travestida de quintessência da modernidade.

Concordando com estas idéias, D. João VI, submeteu o Brasil nascente aos interesses do Império Britânico ascendente. Hoje, ele retorna o mesmo ideal e quer submeter o Brasil "emergente" aos interesses do Império norte-americano decadente.

D. João VI, traia a nação e comia frangos. FHC trai a nação e oferece frangos como atrativo popular. Como disse alguém, a História pode se repetir, mas na primeira vez como tragédia e na segunda como farsa.

Promoção Especial

A Classe Operária



Faça ou renove sua assinatura anual de 30 publicações do jornal **A Classe Operária**, por apenas R\$ 30,00.

Ligue (011) 604 4140 / 606 0412 e deposite no Banco Itaú, ag. 0251, Conta corrente 48676-7

Formas de pagamento:

- Cheque nominal à Editora Jornalística **A Classe Operária**

- Vale Postal

- Cartão Credicard/Diners nº _____ Validade: _____

Nome: _____ Profissão: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ CEP: _____

Cidade: _____ Estado: _____

Telefone: _____

EXPEDIENTE

Diretor e Jornalista Responsável: João Amazonas - Edição: Guiomar Prates (Mtb 7061/31/04v), Pedro de Oliveira (Mtb 9.813 -SP) e Carlos Pompe (Mtb 249/01/128/AL)

Editoração Eletrônica: Marco A. T. Godoy - Administração: Francyroze de Andrade Matarazzo.

Publicação quinzenal da Editora Jornalística **A Classe Operária**

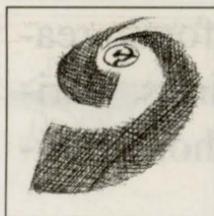
Rua Adoniran Barbosa, 53 - Bela Vista - São Paulo/SP

CEP 01318-020 - Fone: (011) 604 4140 - Fax: (011) 606 0412

PCdoB na Internet: <http://www.pcdob.org.br>, E-mail: guiprates@base.com.br



CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois



O 9º Congresso do Partido Comunista do Brasil reuniu mais de 20 mil militantes. A plenária final, realizada de 13 a 15 de outubro, contou com 800 delegados e várias delegações estrangeiras. Foi o maior congresso da história dos comunistas brasileiros

Debate e unidade marcam a plenária final do 9º Congresso

Guiomar Prates*

Marcado por profundo clima de unidade, o 9º Congresso do Partido Comunista do Brasil, realizado no Palácio de Convenções Anhembi, em São Paulo, de 13 a 15 de outubro, reuniu 800 delegados de todos os Estados do Brasil, com exceção de Rondônia.

Foi a maior reunião de comunistas já realizada na história do país. Durante os três dias, mais de 100 oradores abordaram a situação internacional e nacional e as questões de Partido. Houve também intervenções especiais e saudações das delegações estrangeiras.

Os delegados aprovaram o Projeto de Resolução que foi debatido por mais de 20 mil militantes, desde as assembleias de base e nas conferências estaduais durante os últimos meses, e elegeram o novo Comitê Central do Partido, além de aclamarem por unanimidade o manifesto ao povo brasileiro (na íntegra, na página 2).



João Amazonas: Partido luta para cumprir seus deveres

Na abertura dos trabalhos, o presidente nacional do PCdoB, João Amazonas, afirmou que o "Partido vem lutando para cumprir seus deveres junto ao povo e busca sua grande meta, que é construir o socialismo no Brasil". Ainda na manhã do primeiro dia, os delegados receberam a visita do presidente nacional do



Delegados atentos e participantes durante os três dias da plenária final

PT, José Dirceu, que defendeu a unidade das oposições para enfrentar Fernando Henrique nas urnas, no próximo ano. "O PT e o PCdoB devem continuar caminhando juntos na luta por um novo rumo para o país", afirmou.

Para chegar a São Paulo, os delegados e as direções do Partido nos Estados não mediram esforços. Grande parte das delegações veio de regiões distantes, em viagens de ônibus que duraram, em alguns casos, mais de 48 horas. Centenas se inscreveram para falar aos seus camaradas, opinar sobre as teses em debate, sobre a situação dos trabalhadores, das mulheres, dos negros, dos excluídos, do povo que não tem voz. Nem todos conseguiram porque o tempo não permitiu. Mais de uma centena falou, representando o sentimento que unifica os comunistas no Brasil.

Olívia Santana, da Bahia,

disse que "não é possível construir o socialismo sem a contribuição da população negra, que ajuda a construir as riquezas do país mas nunca usufruiu dos benefícios que essas riquezas vem gerando para alguns".

Para Júlio César, do Maranhão, "este Congresso é o maior exemplo de que nosso Partido é democrático e que cumpre sua função na luta pela transformação social e por melhores condições de vida para o povo".

Luciano Siqueira, de Pernambuco, afirmou que a tática do Partido, viabiliza o encaminhamento do programa socialista, pois procura unir amplas forças sociais, capazes de criar o ambiente indispensável para que se possa apresentar propostas mais avançadas.

O Congresso aprovou uma moção de repúdio à visita do presidente dos Estados Unidos

ao Brasil (veja nesta edição).

As delegações estrangeiras ouviram atentamente todas as intervenções e se disseram impressionadas pelo alto nível político e ideológico dos delegados. Estiveram presentes representantes dos partidos comunistas do Vietnã, China, Coreia, Cuba, Síria, Portugal, Argentina, Bolívia, Dinamarca, Estados Unidos, Peru e da Federação Russa, além da União Democrática de Portugal e do Comitê de Defesa dos Presos Políticos da Albânia.

O 9º Congresso do PCdoB contou com o trabalho voluntário de mais de uma centena de militantes, que garantiram excelente organização, tanto no local do evento como nos hotéis em que os delegados ficaram hospedados.

*Colaboraram Gabriela Mendonça, Luciana Bento, Luciano Menezes, Rogério Siqueira e Carlos Pompe



Antonio Apurinã

Dois momentos de emoção

A plenária final do 9º Congresso contou com delegados de todas as cores e raças, com histórias diferentes mas unidos no objetivo comum de transformar o Brasil.

Destacamos dois momentos que mostraram essa diversidade. O primeiro foi a intervenção do índio Antonio Apurinã, delegado pelo Estado do Acre, que fez uma contundente defesa da Amazônia como território importante para a preservação da soberania do país. "A Amazônia está sendo saqueada pelos estrangeiros", denunciou.

Apurinã também defendeu os índios que estão ameaçados de extinção, que não têm os seus

territórios demarcados e que se unem com o povo para lutar pelos seus interesses e pelos interesses nacionais.

Apurinã falou sobre sua militância no PCdoB e presenteou João Amazonas, com o arco e a flecha, símbolo importante das nações indígenas.

Outro momento de bastante emoção foi quando o ex-guerrilheiro do Araguaia, Zezinho, falou sobre a sua participação na guerrilha e lembrou o nome dos companheiros que tombaram. À lembrança de cada nome, a plenária respondeu 'presente'. Zezinho só retomou o contato com o Partido no início desse ano.



Zezinho

Perfil dos militantes comunistas

Durante o 9º Congresso foi realizado um censo que traçou o perfil da militância. Foram 19.830 questionários que permitiram a obtenção de importantes dados. Dos participantes nas conferências estaduais e municipais, 61,96% são homens e 38,04% mulheres. Mais de 58% dos militantes têm até 29 anos; são 26,02% com 30 a 39 anos; 14,25% com 40 a 49 anos; 6,5% com 50 a 59 anos e 4,41% com mais de 60 anos de idade.

A militância é jovem, con-

siderando o tempo de atuação partidária: 61,34% têm até 2 anos de filiação; 33,61% até 12 anos e somente 5,02% são filiados há mais de 13 anos. Quanto à formação, 38,76% possuem curso secundário; 14,41% curso superior e 2,51% pós-graduação. Apenas 15,15% da militância lêem a *Princípios*, enquanto 29,26% lêem *A Classe*. Durante a plenária final foi realizada uma nova pesquisa, cujos dados estão sendo tabulados.



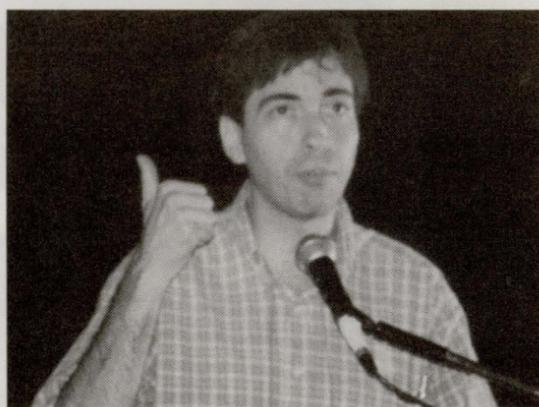
Os dois primeiros dias da plenária final do 9º Congresso foram realizadas intervenções especiais sobre as atividades partidárias. Vários temas foram abordados: alterações no mundo do trabalho, a atividade do PCdoB entre a juventude e outros

Globalização e atualidade da questão nacional

Este foi o tema da intervenção de Luis Fernandes, membro do Comitê Central. Nela, Fernandes afirma que “a ofensiva ideológica em curso tem como alicerce fundamental o conceito da ‘globalização’. Ela é apresentada como ‘uma singular ruptura histórica’, que impõe a convergência universal para uma agenda de liberalização. Tal compreensão é hoje amplamente dominante na cobertura jornalística e vai se difundindo igualmente nos meios políticos e acadêmicos. Lamentavelmente, vem sendo incorporada de forma acrítica, também por certos segmentos do pensamento de esquerda (embora estes tendam a lamentar os altos custos sociais do ‘processo objetivo e inexorável’ em andamento)”.

Luis Fernandes acredita que “a construção de uma efetiva alternativa contra-hegemônica ao neoliberalismo exige, como ponto de partida, a ruptura da ‘jaula virtual’ que o discurso dominante armou em torno do conceito de globalização para aprisionar corações e mentes”.

Luis Fernandes afirma que



Luis Fernandes: a globalização repousa sobre um conjunto de mitos

Fotos: Maurício Moraes

a chamada globalização repousa sobre um conjunto de mitos que não resistem a uma apreciação mais objetiva e criteriosa, como, de que seria uma “novidade”, os mitos do confinamento econômico nacional, da globalização financeira, da dissociação entre mercado, empresa e Estado.

A conclusão da intervenção é de que “o projeto neoliberal pode ser compreendido, sobretudo nos países em desenvolvimento, como uma estratégia de abertura e conquista de mercados pelo grande capital dos países centrais, que se utiliza da supremacia política destes para

forçar o resto do mundo a desmantelar instrumentos fundamentais de soberania e proteção nacional. Trata-se, em particular, de um movimento de recomposição e relançamento da hegemonia do imperialismo norte-americano, via a instrumentalização unilateral das posições de força econômica, política e militar que ocupa no sistema internacional.

Esta compreensão, segundo ele, tem duas implicações fundamentais: identificar e explorar as tensões crescentes entre os próprios países capitalistas centrais na implementação do projeto neoliberal, já que o ressentimento dos demais Estados centrais com o favorecimento dos interesses norte-americanos tende a se intensificar; e colocar a questão nacional no coração dos programas de resistência (e superação) à ofensiva neoliberal, já que é esta a dimensão que confronta de forma mais abrangente e profunda a própria essência dessa ofensiva.

Resistência e denúncia no Parlamento

O deputado Sérgio Miranda, de Minas, apresentou o informe sobre a atuação da bancada comunista na Câmara Federal. “Nosso trabalho se dá em um Congresso caracterizado pela submissão e subalternidade, funcionando como um mero apêndice do Executivo”, afirmou.

Para Miranda, o governo “não tem o menor pudor de recorrer a pressões, chantagens e até mesmo à compra de votos, como se deu na votação da emenda da reeleição.”

Nesse ambiente, a atuação da bancada do PCdoB “tem como fio condutor a resistência, a denúncia e a tentativa de barrar as medidas antipopulares do atual governo”.

Miranda considera “como principal mérito da nossa atuação a formação do bloco das oposições, que une o PCdoB, o

PT, o PDT e tem o apoio do PSB”. Destacou ainda o trabalho na votação da lei eleitoral, tornando “vitoriosa a tese da liberdade de coligação nas eleições proporcionais, bem como a retirada do voto em branco do quociente eleitoral”.

Outro destaque foi a votação da Lei das Patentes, onde “fomos a principal referência para as forças progressistas na Câmara, bem como agora contra a biopirataria e em defesa da biodiversidade da Amazônia”.

Como deficiência, destacou a dificuldade em “transmitir para a população o real alcance e as conseqüências de muitas das medidas aprovadas pelo governo no Congresso”.

Quanto à deserção de Lindberg Farias, Sérgio afirmou que as atitudes recentes do deputado “revelam uma grave deformação de caráter”.



Plenária votou as principais questões

Alterações no mundo do trabalho

João Batista Lemos, secretário sindical do PCdoB, falou sobre as alterações no mundo do trabalho e concluiu que “a exploração capitalista está globalizada. A mundialização dos processos produtivos e das mazelas desse sistema, o desemprego e a exclusão social, alastram-se por todo o planeta. Mais do que nunca é uma exigência que a unidade dos trabalhadores ultrapasse os estreitos limites das categorias, dos países e ganhe o mundo.”

Ressaltou que ganha importância maior a unidade com nossos irmãos da América Latina, pela identidade histórica e pela realidade das relações econômicas e políticas existentes entre nossos países, principalmente com o Mercosul.

“As palavras de Karl Marx e Friederich Engels que encerram o Manifesto Comunista, ‘Proletários de todos os países, uni-vos!’, ganham novo e revigorado sentido nos tempos atuais.

Batista afirmou que o movimento sindical brasileiro vive um período de dificuldades. Registra um retrocesso nas conquistas, decréscimo de sindicalização, ataques do governo e dos patrões.

“Os sindicatos sofrem com



Batista: destaque para a luta pelo direito ao trabalho

a reestruturação produtiva, com o desemprego e com a política neoliberal. Reduzem-se o poder de barganha e de mobilização dos sindicatos”, registrou, afirmando que a divisão na cúpula reflete a predominância da orientação reformista e social-democrata, sendo esse um fator de debilidade do movimento.

Segundo Batista, a luta pelo trabalho ganha relevância e a CUT deve dar conseqüência às suas resoluções e desenvolver ampla campanha pela redução da jornada de trabalho. Ganha importância, afirmou, a marcha pelo emprego, convocada pela CUT e pelos movimentos sociais e que antecede ao Encontro Popular por Terra, Trabalho e Cidadania.

O trabalho ideológico e a formação de quadros

A presidente do PCdoB em Minas Gerais e membro do Comitê Central, Jô Moraes, afirmou que “reagir à onda capitulacionista é o desafio prioritário da luta ideológica presente”.

Jô destacou que a base desse desenvolvimento é o Partido, que terá o desafio de absorver, em seu esforço teórico, as diferentes contribuições que surgem nos centros produtores do saber humano. “O Partido é espaço privilegiado na constru-

ção da consciência socialista. Ele é o condutor da intervenção cotidiana de seus militantes nos processos de luta de classe, criando, ao mesmo tempo, um permanente debate teórico”, disse ela.

Afirmou que é preciso superar a situação: “os quadros e militantes estão voltados quase que exclusivamente para o dia a dia das tarefas e discute-se pouco as questões estratégicas, não se aprofunda o conhecimento da realidade.”

Enfrentar este problema “significa compreender a atividade de formação como algo que não pode ser dissociado da vida regular da estrutura partidária.”

A prioridade da atividade de formação cotidiana, segundo Jô, é a assimilação e desenvolvimento do Programa Socialista aprovado pela 8ª Conferência.

“Sejamos os que buscam a ciência com a mesma paixão com que queremos transformar o mundo”, finalizou.



A luta da juventude foi o tema de Ricardo Abreu, Alemão. O trabalho institucional e a luta pela reforma agrária foram abordadas por Walter Sorrentino e Aldo Arantes, respectivamente



Walter Sorrentino

Trabalho institucional

“O PCdoB deve se dispor a participar em níveis de poder local e mesmo nacional, se existirem as condições necessárias para isso”, afirmou Walter Sorrentino, presidente do PCdoB/SP, na intervenção especial sobre o trabalho na esfera institucional.

Segundo Walter Sorrentino, a luta institucional e eleitoral tem jogado papel destacado na resistência ao projeto neoliberal e na acumulação de forças, interagindo e potencializando as posições junto ao movimento social. Fruto desse movimento, construíram-se vitórias eleitorais comuns a esses setores. Nos governos locais, a participação dos comunistas visa cumprir os compromissos programáticos de Executivos eleitos com nosso apoio. “Neles, visamos imprimir marcas de administração com características novas, com respeito ao povo, procurando assegurar-lhes condições dignas de vida e de atenção social, com práticas democratizantes, que ampliem a participação popular, com marca de honestidade e eficiência”.

“Tão importante quanto entrar é ter a necessária vigilância política, auscultar o coletivo e o povo, saber sair do governo se os compromissos que assumimos perante o eleitorado não puderem ser honrados”.

Os comunistas são a juventude do mundo

“Nós somos o Partido do futuro e o futuro pertence à juventude. Nós somos o Partido dos inovadores e a juventude segue de bom grado os inovadores. Nós somos o Partido da luta abnegada contra a velha podridão e a juventude é a primeira a lutar abnegadamente”. Com estas palavras de Engels, Ricardo Abreu, Alemão, iniciou sua intervenção especial sobre a juventude.

Ele fez um retrospecto histórico das lutas da juventude brasileira e da organização dos comunistas no meio juvenil, desde os anos 20 até os anos 90.

“Vivendo sob o impacto da crise econômica, social e moral, a juventude é o alvo principal de uma ofensiva ideológica para desmoralizar tudo o que ameace o capitalismo, para destruir a perspectiva histórica e revolucionária, considerar inútil o esforço de renovação social. Utilizam-se da família, da escola, dos meios de comunicação e da indústria cultural para estimular a descrença, o derrotismo, canalizar a esperança para o misticismo. Fazem a propaganda consumista e dos valores imperialistas, do individualismo, das idéias pragmáticas e relativistas. Realizam uma dominação ideológica que dissimula e procura passar despercebida. Estimulam a independência da juventude em relação aos partidos, a abstenção política, a idéia de que a militância oprime a liberdade e a personalidade dos jovens”, afirmou.



A juventude teve presença marcante na plenária final do 9º Congresso

Apesar disso, segundo Alemão, em especial a partir de 92, milhares de jovens filiaram-se ao PCdoB. “Talvez estejamos vivendo o momento de maior influência dos comunistas no movimento estudantil. Surgiram muitos quadros e projetamos dezenas de lideranças”.

Em 96 o PCdoB decidiu relançar a União da Juventude Socialista enquanto organização juvenil, de massas, sob a direção política e ideológica do Partido e com plena autonomia organizativa, além de definir que os jovens comunistas se organizam na UJS e que cabe a eles construir um amplo movimento juvenil e socialista. “A atividade de abertura do 8º Congresso da UJS demonstrou o prestígio e a representatividade do nosso trabalho juvenil, reunindo

lideranças nacionais de partidos e entidades da sociedade civil. Participou com grande delegação no 14º Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes. No entanto, destaca Alemão, “carece de novas campanhas e atividades juvenis, tem dificuldades grandes para arrecadar recursos e precisa discutir melhor a sua estratégia de construção”.

“A direção partidária é a fonte da força e a premissa para o êxito na atividade da UJS. Organização de combate e de vanguarda, vinculada ao Partido, a UJS tem grande responsabilidade na formação ideológica, política e moral da nova geração de revolucionários. Precisa de quadros capazes e experientes, disciplinados, preparados teoricamente e com di-



Alemão

reções mais estáveis”, avaliou Alemão.

E concluiu: “Não há socialismo sem a juventude. O terceiro milênio verá o ressurgimento, com mais força do que neste século, da ideologia e do movimento transformador. Os comunistas são a juventude do mundo!”.

A reforma agrária e a luta pela democracia



Aldo Arantes

O líder do PCdoB na Câmara Federal, Aldo Arantes, afirmou que a reforma agrária é uma das principais bandeiras da luta democrática no Brasil. Ela é parte decisiva de um programa democrático e popular para o país.

Segundo Aldo, o desenvolvimento do capitalismo no campo brasileiro levou a que intelectuais questionassem se a reforma agrária continuaria na ordem do dia, se ela teria ainda algum sentido econômico. “A vida atual tratou de refutar estas teses, trazendo novamente a luta pela reforma agrária ao ce-

nário político”, afirma.

Assinala que este desenvolvimento do capitalismo no campo é desigual, pois um grande número de propriedades ainda utiliza tecnologia atrasada e tem baixa produtividade. Também do ponto de vista regional o desenvolvimento se deu de forma desigual. E há ainda extensas áreas improdutivas. Segundo dados do Incra, de 1992, 40,9% da área aproveitável do campo brasileiro não é explorada.

Mas o monopólio da posse da terra, segundo Aldo, é a questão central a colocar a reforma agrária na ordem do dia.

De um lado, poucos proprietários com muita terra. De outro, milhões de trabalhadores sem terra. O Incra divulgou em 92 que 86% do total de imóveis detinham 17,9% da área total, enquanto 1,4% dos imóveis detinha 50% da área total. Ao lado desta brutal concentração da posse da terra, 4,8 milhões de famílias não possuem nenhum pedaço de terra para trabalhar.

Aldo Arantes destacou o papel do PCdoB, desde a sua fundação presente e solidário com a luta dos camponeses. E precisou o tipo de reforma agrária que o PCdoB defende: ela de-

verá ser regionalizada e distributiva. As grandes propriedades improdutivas deverão ser destinadas aos trabalhadores sem terra, além de ser antilatifundiária.

“A luta pela reforma agrária é parte decisiva da luta pela construção de um país democrático e progressista. Por isto mesmo, esta luta tem que se tornar cada vez mais uma luta de todo o povo brasileiro e não somente uma luta dos sem-terra.”

O líder do PCdoB pediu prisão para os assassinos e mandantes dos assassinatos de trabalhadores rurais.



As questões de Partido foram foco de intensos debates durante a preparação do Congresso. A imprensa partidária foi abordada por Pedro Oliveira e o trabalho de organização por Jairo José, em suas intervenções especiais

Fortalecer a imprensa partidária

O secretário nacional de propaganda do PCdoB, Pedro Oliveira, em sua intervenção especial falou sobre a importância de fortalecer a imprensa partidária. Pedro destacou que é necessário o fortalecimento da propaganda comunista, encarada como um sistema integrado, no qual os diversos instrumentos que temos à mão interajam, uns fortalecendo os outros, cada qual cumprindo suas tarefas, desde a assessoria de imprensa até os órgãos centrais.

“A propaganda burguesa é instada a maquiar os problemas criados pela onda neoliberal que varre o mundo. Para enfrentar essa monumental máquina de guerra ideológica e conscientes de nossas limitações financeiras, é imprescindível o aprimoramento e organização dos órgãos nacionais, matrizes de análises e informações que possam ser transformados em milhares de outros instrumentos capilarizados, em cada local de trabalho, de moradia e estudo”, afirmou.

Segundo ele, o Partido deve conceber o trabalho de propaganda de forma cada vez mais



O jornal *A Classe Operária* e a revista *Princípios*

organizada e sistemática. “Na construção da contracorrente de resistência ao neoliberalismo, é preciso muita criatividade, pesquisa, talento na elaboração formal de como falar à sociedade brasileira, atualmente sob a influência monopolizada pelo pensamento neoliberal. É preciso combater os preconceitos anticomunistas transformados em senso comum pela força da mídia, construir a imagem de um Partido moderno, baseado nos princípios marxistas-leninistas, contra o sectarismo intelectual, contra a política de gueto”.

Pedro defendeu que o trabalho dos comitês estaduais na divulgação, distribuição e vendas da revista *Princípios* e do jornal *A Classe Operária* deve



ser reforçado, superando a tendência, que ainda existe, ao localismo e ao regionalismo. “É necessário desencadear uma campanha nacional de combate à subestimação do trabalho de propaganda e de valorização de nossos instrumentos, reconstruindo as comissões estaduais de propaganda onde não estejam funcionando, investindo em recursos humanos e materiais, democratizando o acesso dos filiados e amigos aos nossos órgãos nacionais, organizando canais mais ágeis de distribuição nos Estados, promovendo seminários e ativos de propaganda, especialmente no eixo Rio/São Paulo/Minas Gerais, onde o trabalho nesta frente precisa intensificar-se”.

Sobre o trabalho de organização

O secretário organização do Estado de São Paulo, Jairo José, falou sobre o trabalho de organização do Partido. Este foi um dos temas que polarizou o debate no processo do 9º Congresso. Segundo ele, o tema concentrou 70% dos artigos publicados na Tribuna de Debates.

Entre as questões de Partido, Jairo destacou a necessidade de uma política de organização atualizada e mais desenvolvida, com ajustes e atualizações, que leve em conta os aspectos positivos e os problemas típicos da atuação legal do PCdoB.

Entre os principais problemas, foram relacionados, a falta de organicidade, que debilita a estrutura partidária; a precariedade das organizações de base; e um certo esgarçamento da prática partidária, tendências ao relaxamento, à condescendência e à rotina.

Jairo destacou alguns pontos que devem ser levados em conta na formulação dessa política de organização: crescimento e fortalecimento do Partido; o desenvolvimento da militância; a incorporação dos filiados; mais organicidade; elevação do nível político e ideológico dos quadros.

Sobre o trabalho de direção, afirmou: “o papel dos dirigentes vai muito além das questões de método e estilo. Repousa



Jairo José

sobre eles a principal responsabilidade no enfrentamento da defasagem das questões ideológicas e organizativas em relação à nossa influência política crescente”.

Destacou que o ponto de partida para o bom desempenho das direções é a compreensão de que a direção coletiva é o princípio geral e principal. “É fundamental que as direções assimilem e apliquem métodos que privilegiem a elaboração, formulação e deliberação coletivas. As opiniões individuais, por mais importância que tenham, subordinam-se à decisão coletiva”.

Na próxima edição, publicaremos destaques das outras cinco intervenções especiais do 9º Congresso.

Novo Comitê Central

Efetivos

- Adalberto Monteiro
- Alanir Cardoso
- Aldo Arantes
- Ana Maria Rocha
- Antonio Renildo Souza
- Carlos Augusto Diógenes
- Edmilson Valentim
- Edson Silva
- Eduardo Bonfim
- Elza Monerat
- Eronildo Bezerra
- Eustáquio Vital Nolasco
- Haroldo Lima
- Inácio Arruda
- Jairo José
- Jamil Murad
- Jandira Feghali
- Francisco Javier Alfaya
- João Amazonas
- João Batista Lemos
- José Aldo Rebelo
- José Carlos Ruy
- José Ouriques Freitas
- José Reinaldo Carvalho
- José Renato Rabelo
- Jussara Cony
- Liège Rocha
- Luciano Siqueira

- Luis Carlos Chaves
- Luis Fernandes
- Maria Socorro Jô Vieira
- Maria Socoro Gomes
- Nádia Cameão
- Nivaldo Santana
- Olival Freire
- Pedro de Oliveira
- Péricles Souza
- Ricardo Abreu - Alemão
- Sérgio Miranda
- Vanessa Grazziotin
- Wagner Gomes
- Walter Sorrentino

Suplentes:

- Ronald Freitas
- Newton Miranda
- Agnelo Queiroz
- Dilermando Toni
- Madalena Guasco
- Altamiro Borges
- Divino Goulart
- José Messias de Souza
- Edvaldo Nogueira
- Orlando Silva Jr.
- Lia Klein
- Joel Batista
- Sérgio Barroso



Primeira reunião do Comitê Central eleito, logo após o encerramento do 9. Congresso

O novo Comitê Central do Partido Comunista do Brasil tem 56 membros, sendo 43 efetivos e 13 suplentes.

Houve uma renovação de quase 25%, com a incorporação de 14 novos membros.

A maioria, 35 membros, tem profissão de nível superior, um crescimento de 14% em relação ao Comitê anterior.

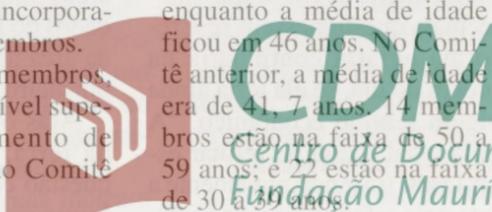
Os operários mantiveram estável a sua presença: dez membros.

A média de tempo de Partido dos eleitos é de 22 anos, enquanto a média de idade ficou em 46 anos. No Comitê anterior, a média de idade era de 41,7 anos. 14 membros estão na faixa de 50 a 59 anos; e 22 estão na faixa de 30 a 39 anos.

A presença feminina aumentou de 9 para 11, totalizando um percentual de 19,6%.

O número de sindicalistas (que detêm mandatos sindicais) ficou em seis, o mesmo número do Comitê anterior.

O novo Comitê Central tem membros de 14 Estados da Federação, o mesmo número que o anterior.





O ato de encerramento do 9º Congresso foi uma demonstração do respeito adquirido pelo PCdoB no cenário político brasileiro. PT, PDT, PSB, PMDB, PCB e várias entidades do movimento popular e sindical foram saudar os comunistas e defender a unidade do povo

Defesa da unidade da oposição, marca do ato de encerramento

A grande frente de oposição defendida pelo Partido, se não se consolidou ainda para enfrentar Fernando Henrique nas urnas no próximo, esteve presente na mesa que serviu de palco para a unidade de amplas forças que hoje se opõem ao governo central do país.

Coroando um processo rico de discussão, onde o tom foi a defesa da unidade dos mais amplos setores como condição necessária para resistir e derrotar o neoliberalismo, o ato contou com a presença de Aloísio Mercadante, PT; Antonio Palocci, presidente do PT/SP; Paes de Andrade, presidente nacional do PMDB, Vivaldo Barbosa, representante do PDT; Alexandre Cardoso, deputado federal PSB/RJ; José Machado, líder do PT na Câmara Federal, Cristóvam Buarque, prefeito de Brasília; César Callegari, deputado estadual PSB/SP; Jayme Gimenes, PPB/SP; Terezinha Zerbini, PDT; Antonio Mazseo, PCB; do ex-governador de São Paulo, Orestes Quécia; dos historiadores, Jacob Gorender e Edgar Carone, do vice-presidente nacional da CUT, João Vaccari Neto; dos presidentes da UNE e da Ubes, Ricardo Cappelli e Kerison Lopes, respectivamente, do presidente da Conam, Edmundo Fontes, da presidente da UBM, Liège Rocha e de dezenas de presidentes e membros de entidades sindicais e populares que também eram delegados à plenária final do Congresso.

O vice-presidente nacional do PCdoB, Renato Rabelo deu ciência aos presentes das resoluções do Congresso e falou sobre a necessidade de ampliar a frente oposicionista: "Restringir esta frente é ajudar Fernando Henrique. Ser radical, hoje, é procurar construir alternativas capazes de derrotar este governo. O povo não pode mais viver cinco ou dez anos sob o domínio de FHC", afirmou Renato, alertando que a ameaça que pesa sobre o país é grande: "A Alca é um exemplo da tentativa de submeter os povos ao hegemonismo norte-americano e Fernando Henrique é comprometido com este hegemonismo".

"A unidade vai ser nosso esforço principal depois desse 9º Congresso", disse Renato.

Aloísio Mercadante disse estar emocionado em participar



Ampla frente oposicionista na mesa de encerramento do Congresso

do ato e feliz por reencontrar pessoas que não via há muito tempo e também com "companheiros com os quais temos estado juntos nos momentos fundamentais para o país". Para Mercadante, hoje "precisamos ser maiores do que temos sido. O Brasil de 1989, da campanha da Frente Brasil Popular, não

existe mais. O país está sendo dilapidado. Por isso, é preciso e é possível derrotar FHC".

O presidente nacional do PMDB, Paes de Andrade, afirmou que "pode-se mutilar o povo de um país mas não se mata a alma de uma nação. E o povo do Brasil está sendo mutilado. Desejo que meu partido

fortaleça a aliança com as forças populares e os setores de centro-esquerda e contribua para mudar este país".

O representante do PDT, Vivaldo Barbosa mostrou confiança na unidade: "Esta frente há de vingar, para derrotar tudo de ruim que está acontecendo no Brasil".

O deputado Alexandre Cardoso (PSB/RJ) disse comungar do sentimento predominante naquela platéia sobre a necessidade de ampliar ao máximo o leque de alianças para derrotar o projeto em curso no país.

O ex-governador Orestes Quécia afirmou que a maioria do PMDB não aceita o apoio que o partido dá ao governo no Congresso Nacional.

O governador de Brasília, Cristóvam Buarque, negou-se a participar de uma audiência com o presidente dos EUA, Bill Clinton. Preferiu participar do ato de encerramento do Congresso dos comunistas e disse que a razão era bastante pessoal: sabia que estaria diante de pessoas que não deixam o sonho morrer. "Esta unidade que estamos construindo tem todas as chances de construir o Brasil de nossos sonhos, rumo ao socialismo renovado em nosso país".

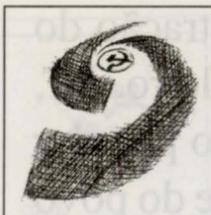
O representante das delegações internacionais e membro do Partido Comunista de Cuba, Alfredo Morales, afirmou que o neoliberalismo "está comprando nossos países e desnaturando nossos povos. Frente a escalada imperialista, a unidade é essencial."



Show de encerramento

O ato cultural de encerramento do 9º Congresso homenageou os 100 anos de Pixinguinha, com a participação do Grupo de Música Brasileira, de Campinas. Contou ainda com a presença do cantor Walter Franco (ao lado), da cantora Lisiane Lorencena, Marcelo Karól (violão) e Claudio Batata (percussão) de Porto Alegre.

CDM
Fundação Maurício Morais
Grabois



O PCdoB foi anfitrião de 15 delegações de representantes de partidos e organizações da América Latina e do Mundo que vieram prestigiar o 9º Congresso. Nesta página, trechos das saudações feitas durante os três dias de trabalho

Saudações internacionalistas

Os representantes dos partidos presentes ao 9º Congresso do PCdoB saudaram os comunistas do Brasil no decorrer dos trabalhos. Destacamos trechos de suas intervenções.

“As vitórias da revolução vietnamita estarão sempre ligadas ao apoio e à ajuda dos partidos irmãos, dos amigos e nações do mundo, dentre os quais estão o PCdoB, as forças democráticas e progressistas e o povo irmão do Brasil. De todo coração queremos expressar nosso profundo e sincero agradecimento por sua valiosa consideração e pela ajuda de seu Partido e do povo do Brasil.”

PARTIDO COMUNISTA DO VIETNÃ

“Entusiasmados com a catástrofe do socialismo na Europa, os teóricos do imperialismo decretaram de forma tão pomposa quanto ridícula o fim da história, a globalização da injustiça e a neoliberalização da miséria, como se os povos pudessem se resignar à desigualdade, à

fome e à morte. Como se a humanidade pudesse perder a capacidade de sonhar e de lutar.”

PARTIDO COMUNISTA DE CUBA

“Que o 9º Congresso Nacional do Partido Comunista do Brasil seja coroado de pleno êxito. Que a amizade entre o Partido Comunista da China e o Partido Comunista do Brasil, bem como as relações amistosas já existentes entre os povos sino-brasileiros, se desenvolvam constantemente.”

PARTIDO COMUNISTA DA CHINA

“É com grande interesse e espírito solidário que os comunistas portugueses acompanham a evolução da situação no Brasil e a vossa ação em defasados interesses vitais dos trabalhadores, contra as privatizações e pela reforma agrária, apoiando o combativo e prestigiado Movimento dos Sem Terra, pela construção dum projeto político alternativo que defenda os interesses do país e do povo brasileiro, garantindo



Sandro Valentiano

Delegação estrangeira assiste aos trabalhos do Congresso

a independência e soberania nacionais.”

PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

“Temos certeza de que a luta do proletariado brasileiro terá sucesso quando vemos os valorosos lutadores comunistas brasileiros.”

PARTIDO COMUNISTA DA SÍRIA

“Sublinhamos a referência segura que foi e é o PCdoB na luta contra o revisionismo contemporâneo de Kruschov e seus seguidores, que abriram as portas a uma importante mas temporária derrota do socialismo. Enaltecemos o esforço do PCdoB em contribuir para que as vanguardas revolucionárias não fiquem estioladas e paralisadas no dogmatismo, se abram à vida e a seu tempo, e busquem a aplicação de seus princípios na realidade concreta e contraditória da luta de classes.”

UNIÃO DEMOCRÁTICA POPULAR DE PORTUGAL

“Este Congresso irá discutir temas importantes para a defesa do ideal do socialismo e para ampliar e reforçar o Partido, constituindo um importante incentivo na luta pelo seu reforço e pelo desenvolvimento.”

PARTIDO DO TRABALHO DA CORÉIA

“Nossos partidos unem objetivos e tarefas comuns, e nós não temos nenhum privilégio, exceto o de se levantar na luta por uma vida digna para todos, pela justiça

da cultura, etc., construiremos a alternativa ao neoliberalismo, tanto programática quanto sua ferramenta material.”

PARTIDO COMUNISTA DA ARGENTINA

“Na América Latina nós revolucionários temos orgulho de contar com Cuba socialista, que demonstra que este sistema não é utopia e que, pesando todas as dificuldades, é superior e mais justo que o melhor dos capitalismos.”

PARTIDO COMUNISTA DA BOLÍVIA

“Depois de muitos anos de relações internacionalistas com o PCdoB, estamos completamente convencidos de que este 9º Congresso tomará decisões justas para avançar ainda mais na construção do partido de vanguarda da classe operária brasileira, na construção de uma ampla frente contra a política neoliberal do governo de FHC, e para avançar no caminho do triunfo do socialismo nestas terras”.

PARTIDO COMUNISTA DA DINAMARCA (M-L)

“América Latina está em um continente em luta, onde a cada dia amadurecem as condições revolucionárias, e enfrentamos um inimigo comum: o imperialismo. De nossa parte, expressamos a mais ampla solidariedade internacionalista às lutas do PCdoB.”

BANDERA ROJA - VENEZUELA

Partido Homenageia lutadoras

O Secretário de Relações Internacionais do Partido, José Reinaldo Carvalho, fez uma homenagem especial a Suzanne Marty, presidente do Comitê para Libertação dos Presos Políticos da Albânia. Segundo José Reinaldo, “Suzanne é uma antiga combatente da causa socialista que, mesmo nos momentos mais difíceis, teve a coragem de erguer a bandeira da libertação de Nexhmije Hoxha, viúva de Enver Hoxha”. Nexhmije foi libertada com metade da pena cumprida.

José Reinaldo também leu trechos da mensagem enviada por Nexhmije Hoxha ao Congresso. Nexhmije agradeceu ao PCdoB “do fundo do coração pelo apoio fraterno durante o período de minha prisão pelas obscuras forças fascistas e anticomunistas que chegaram ao poder na Albânia”.

Agradeceu também à campanha que o Partido fez na imprensa e às inúmeras mensagens de solidariedade envia-



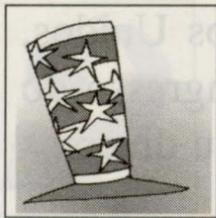
Suzanne Marty e João Amazonas

das durante os cinco anos em que esteve presa. “Os votos pela minha libertação deram-me forças para ultrapassar os difíceis momentos de furiosa perseguição à minha família e à guerra suja para enlamear a figura de Enver Hoxha, que chegou ao cúmulo de violar seu túmulo, tirando seus restos mortais do lugar sagrado onde jaziam, lado a lado dos guerrilheiros que libertaram a Albânia”.

MENSAGENS

Enviaram mensagens de saudação ao 9º Congresso do PCdoB:

Partido Comunista da Venezuela
Partido Comunista do Uruguai
Partido Comunista do Chile
Forças Armadas Revolucionárias de Colômbia
Partido dos Trabalhadores Dominicanos
Frente Sandinista de Libertação Nacional
Partido Comunista do Canadá (M-L)
Partido Comunista dos Estados Unidos
Partido Revolucionário do Povo Laosiano
Partido do Socialismo Democrático - Alemanha
Novo Partido Comunista da Holanda
Partido Comunista (M-L) - Suécia
Partido Progressista dos Trabalhadores do Chipre
Partido Comunista da Áustria
Novo Partido Comunista da Inglaterra
Partido Comunistas dos Operários da Rússia
Partido Comunista da Albânia
Partido da Refundação Comunista da Itália
Partido Comunista Francês
Partido Comunista da Eslováquia
Fundação Republicana da Grécia



Em visita à América do Sul, Clinton se comparou aos exploradores que atacaram e conquistaram o Continente no século XVI, criticou o governo cubano e exigiu a abertura das fronteiras dos países latino-americanos para as multinacionais ianques

Clinton, bajulado pelas elites e repudiado pelos povos

Carlos Pompe

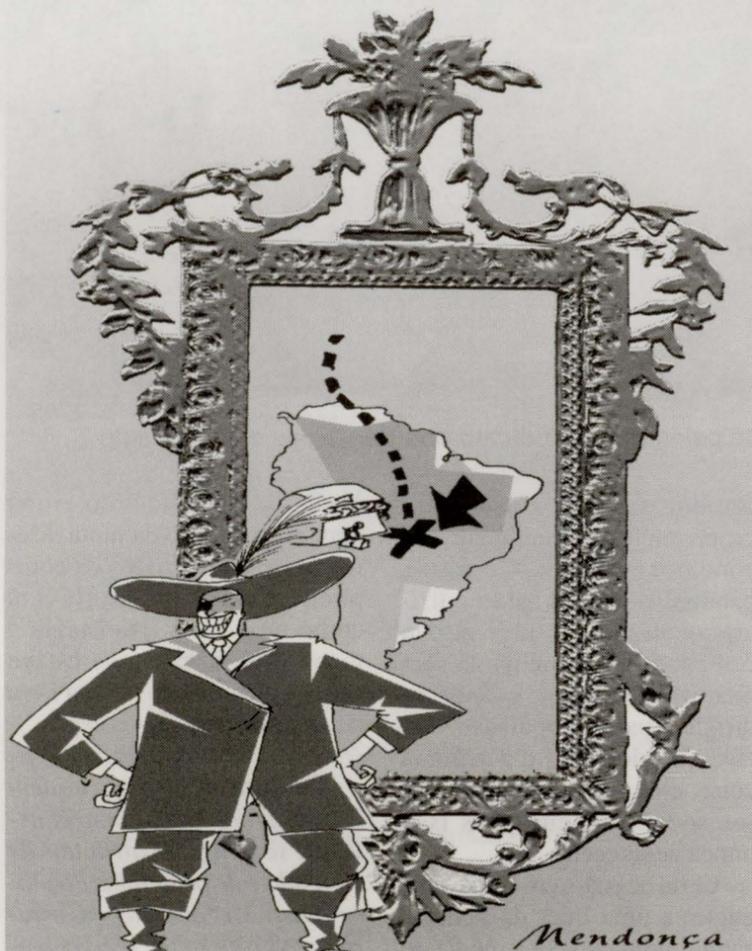
A visita do presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton, a países da América Latina, inclusive Brasil, foi um festival de desrespeito do governo norte-americano ao restante do Continente. Em seus pronunciamentos, Clinton insistiu em afirmar que todos os países da área são democráticos "menos um" - Cuba - e afirmou que "a globalização é um processo irreversível e o protecionismo só piora as coisas", deixando claro que os empresários de seu país querem liberdade de ação para explorar a região.

A postura do governo brasileiro foi patética. O cerimonial do Palácio do Planalto cedeu a todas as exigências da "segurança" do presidente estadunidense. Mais uma vez, para disfarçar o servilismo, o governo divulgou pretensas reações de brasilidade à arrogância do visitante, mas que se desmascaravam na prática. Basta verificar as palavras dirigidas por Fernando Henrique Cardoso a Clinton: "o recebemos como chefe de Estado do nosso maior parceiro econômico, cuja presença no setor externo da nossa economia continua a crescer, graças à multiplicação de oportunidades comerciais e de investimentos que o Brasil tem oferecido aos seus sócios. Da cooperação inovadora que estamos começando a desenvolver na área da educação às discussões para a criação de uma área de livre comércio nas Américas, objetivo ambicioso que compartilhamos, nossa agenda se pauta por propósitos comuns, sem deixar de oferecer um amplo espaço para que se expressem as nossas fortes individualidades, nossos interesses legítimos."

Ao mesmo tempo, FHC acionou a revista *Veja* para divulgar sua versão de uma conversa privada que teve com Clinton:

"- O que você acha do Mercosul? - perguntou Clinton.

- O Mercosul representa o desenvolvimento de uma estratégia de abertura da nossa economia, mas também é uma ligação cultural e política com os países da América do Sul. Não podemos abrir mão dele - respondeu Fernando Henrique.



- Mas nós não queremos a extinção do Mercosul nem do Nafta. Eu apóio o Mercosul.

- Eu gostaria que você dissesse isso lá fora.

- Como assim?

- Na entrevista coletiva, agora, no Palácio da Alvorada.

- Ok. Eu vou falar - concordou Clinto. - Reconhecemos a importância dos blocos. O que queremos é avançar nas negociações para a formação da Alca.

- Mas não podemos avançar tanto agora. Nossas indústrias não agüentariam a competição.

- O que eu gostaria é de pôr um acordo em marcha na reunião de Santiago - disse Clinton, referindo-se ao encontro de março do ano que vem, no Chile, com os 34 países do hemisfério, exceto Cuba.

- Nesse ponto, estamos de acordo - disse Fernando Henrique.

A sós com Clinton, FHC pediu o apoio ao Mercosul, e o que recebeu foi a cobrança da implementação da Alca - o acordo comercial que favorece os interesses norte-americanos no Continente e praticamente inviabiliza o Mercosul. E FHC, servilmente, concordou...

Na coletiva Clinton atendeu aos apelos de FHC: "Há três anos, quando nos reunimos na cúpula das Américas, em Miami, nós nos comprometemos a estabelecer uma Área de Livre Comércio das Américas (Alca) já no início do próximo século. Hoje, o presidente e eu concordamos que na próxima reunião de cúpula, em Santiago do Chile, nós vamos lançar negociações amplas e equilibradas para transformar essa agenda comum em plano de ação comum.

Eu apóio o Mercosul. Eu acho que o Mercosul foi uma coisa positiva para o Brasil e para todos os seus países-membros." Note-se que Clinton já se refere ao Mercosul como coisa do passado, e cobra a implementação da Alca.

O tom foi o mesmo na visita à Argentina e, antes de chegar ao Brasil, na Venezuela, onde o presidente ianque teve o deslante de afirmar que vinha à América Latina como "os primeiros exploradores que chegaram a essas terras e que viram um novo mundo que estava se formando". Como bom explorador, Clinton trouxe consigo uma carta de empresários norte-americanos que lamentam "o

Moção de Repúdio à visita de Bill Clinton

Aprovada no dia 13 de outubro, no Congresso do PCdoB

1) A posição imperialista dos EUA frente à América Latina sempre foi pautada na prepotência e na agressividade. Os EUA continuam hoje sua nefasta política de impedir qualquer veicidade de desenvolvimento independente dessa parte da América. Persistem em seu criminoso bloqueio a Cuba e procuram submeter todas as nações latino-americanas à globalização econômica por eles hegemônica.

2) As tímidas articulações do Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai de constituírem um mercado regional - o Mercosul - irritaram os EUA. Entre outras medidas, prepararam a vinda do presidente Bill Clinton ao Brasil e à Argentina para torpedear o Mercosul nascente.

3) Isso já seria razão suficiente para que os comunistas tivessem essa visita como indesejada.

4) Mas os EUA se atraem a mais. Elaboraram documentos ridicularizando o Brasil. E projetaram medidas

pela segurança do presidente Clinton do tipo mudar horário de verão, inspecionar o Palácio do Planalto e cercar a circulação de parlamentares no Congresso. Estas medidas, tomadas ou pretendidas, revelam não apenas uma preocupação histórica com a segurança do ocupante de um cargo realmente odiado pelo mundo, mais do que isso: a deliberação de humilhar os brasileiros, de mostrar que, mesmo aqui, o império comanda e submete.

5) Os comunistas, reunidos no maior encontro que já fizeram no Brasil desde 1922, repelem energicamente a afronta estadunidense perpetrada na visita do presidente Clinton, tomam como insulto indecoroso e repulsivo as opiniões divulgadas pelos americanos sobre as cidades, o povo e os costumes brasileiros, e declaram que hoje, como no passado, os comunistas perfilam-se junto ao seu povo para dizer "alto lá, imperialistas, respeitem-nos, a visita de seu chefe, nesses termos, é repelida". E para que nos entendam melhor, repetimos o lema que no passado tanto usamos: "Go home, Clinton. Go home".

fato de o governo brasileiro ter adotado impostos e regulamentações discriminatórias que praticamente impossibilitam os fabricantes americanos de fibras óticas e cabos de competir no crescente mercado brasileiro." Queixam-se, igualmente, da lei de patentes argentinas.

Anteriormente à visita, as elites brasileiras "escandalizaram-se" com um documento norte-americano que denunciava a "corrupção endêmica" de autoridades brasileiras. Os EUA falavam com conhecimento de causa - não só porque são um dos países mais corruptos do mundo (agora mesmo, Clinton e sua esposa, Hillary, estão sob investigações), mas também por serem dos maiores corruptores de sucessivos governantes bra-

sileiros, e o escândalo do caso Sivam é apenas um episódio recente de negociata ianque-brasileira para ser citado.

Coube aos povos latino-americanos - e não às autoridades - dar resposta à petulância ianque. Na Venezuela, Brasil e Argentina, partidos populares e entidades democráticas opuseram-se à visita de Clinton. O Congresso do PCdoB aprovou nota de repúdio ao visitante (veja nesta página), e a CUT e outras entidades promoveram manifestações de protesto. Na Argentina, ocorreu quebra-quebra em Buenos Aires durante a permanência de Clinton no país. O governo argentino também se debruçou sobre "relações carnavais" com os imperialistas ianques...



O professor da Universidade do Minnesota, nos Estados Unidos, Erwin Marquit, esteve no Brasil para participar do Congresso do PCdoB. Em palestra realizada em São Paulo, ele abordou diversos aspectos sobre a divulgação do socialismo

Atualidade da idéia de socialismo nos países avançados

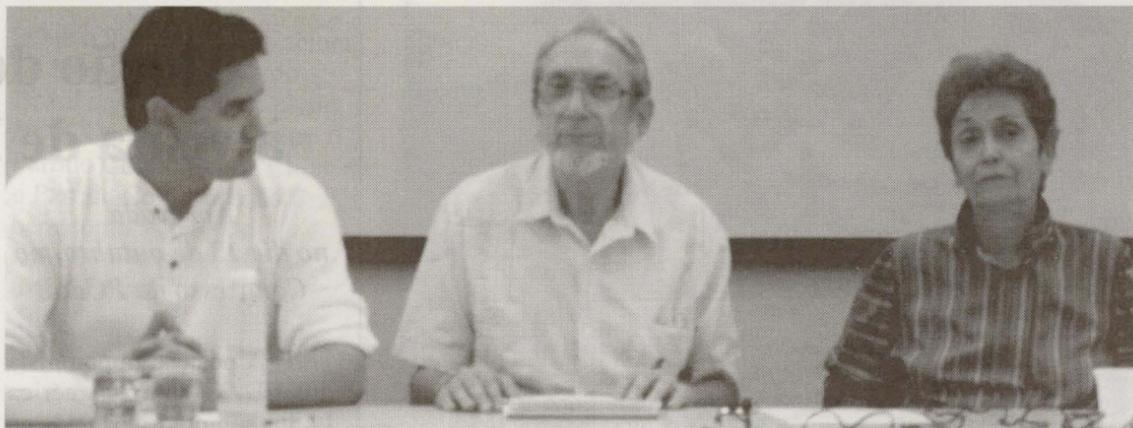
No dia 16 de outubro, a revista *Princípios* e o Núcleo de Estudos d'O Capital promoveram uma palestra com o professor Erwin Marquit, no Sindicato dos Bancários, em São Paulo. Marquit é professor da Universidade do Minnesota nos EUA, editor da revista marxista *Nature, Society and Thought* e membro da comissão de economia do Partido Comunista dos EUA. Veio ao Brasil para participar do 9º Congresso do PCdoB.

A palestra *Atualidade da idéia do socialismo em países de capitalismo avançado* abordou diversos aspectos ligados à divulgação do socialismo nos países desenvolvidos, à queda do Leste europeu e da URSS, além de questões relacionadas aos partidos comunistas. Sobre a necessidade do trabalho permanente no campo ideológico, Marquit ressaltou que uma idéia somente se transforma em força material quando se apodera das massas. Segundo ele, os comunistas precisam trabalhar para elevar o nível da consciência socialista, enquanto lutam por melhores condições de vida e pela construção de alianças. Assim, a introdução do socialismo numa determinada sociedade depende também de fatores culturais. Nos países onde é grande a tradição revolucionária e o marxismo tem raízes profundas, os partidos são maiores e mais consolidados. Por isso, os partidos comunistas europeus têm mais força que o norte-americano, por exemplo.

Quanto à queda do socialismo no Leste europeu, o professor procurou apontar as razões do colapso, principalmente no que se refere à dificuldade para construir um planejamento mais flexível e equilibrado da economia central.

Marquit completou que, desde então, a mídia apresenta a queda do muro de Berlim como prova de que o socialismo não é viável, desconsiderando todas as conquistas realizadas de 1917 a 1989, como emprego, saúde, educação, libertação dos camponeses do regime e métodos semi-feudais, descanso remunerado e segurança.

Após a palestra, Marquit respondeu a algumas perguntas formuladas pelos presentes.



Ao centro, Erwin Marquit, durante palestra no Sindicato dos Bancários de São Paulo

Pergunta - *A degenerescência do socialismo na maioria dos países do Leste europeu se deve, entre outros fatores, às debilidades dos partidos comunistas. A partir disso, que novas conclusões podemos tirar no que se refere à teoria de construção do partido comunista?*

Marquit: O Partido Comunista da Alemanha está discutindo a questão de como seria uma Alemanha Socialista. Nos textos escritos a respeito, seus integrantes mostram que a Alemanha faz parte da União Européia e que as economias estão muito conectadas umas com as outras. Entretanto, as decisões estatais de cada país são tomadas no âmbito dos partidos, que são organizações nacionais. O processo vai ter, então, que se desenvolver numa escala muito mais ampla na Alemanha. Os comunistas alemães estão tentando forjar uma aliança abrangente da esquerda e, ao mesmo tempo, articulam alianças com grupos de esquerda de outros países.

Cuba conseguiu sobreviver como país socialista fruto da firmeza com que os cubanos defendem sua independência. Nas ruas existem cartazes com os dizeres: "Esta terra é 100% cubana" - o que serve de meio de mobilização contra o imperialismo norte-americano. Estive lá no auge desta crise mais recente e sei o que é uma pessoa esperar por três horas um ônibus para ir ao trabalho, não ter aspirinas ou coisas do tipo. Eles sobreviveram com força de vontade e não com recursos materiais. Mas isso é uma experiência difícil de se repetir em outro país, porque está ligada à opressão norte-americana sobre Cuba e à proximidade do partido com o povo. A liderança do

partido e o governo cubano nunca prometeram melhoria das condições de vida, de forma paternalista. Os dirigentes diziam apenas o que pretendiam fazer para tentar melhorar, sem mentir ou exagerar quando se dirigiam para a população. Então, quando Fidel diz alguma coisa, eles acreditam. Nos países socialistas europeus isso nunca aconteceu.

Certa ocasião, em Cuba, perguntei a uma líder da Federação feminina qual é a média de salários das mulheres em Cuba. Infelizmente e felizmente, disse ela "agora nós temos - 80% em relação aos homens". Isso porque, em 1989, eles ainda estavam fazendo seus livros de estatística baseados nos livros de outros países. Então, as mulheres começaram a reclamar, principalmente a Federação feminina. Não queriam mais que as suas organizações e manifestações fossem controladas pelo partido, achavam absurdo e desnecessário. Um bom exemplo de como os comunistas podem funcionar em outras organizações e não somente em partidos políticos. É isso que estamos discutindo - como o partido comunista vai funcionar e como começar esse tipo de funcionamento agora. No Partido Comunista da África do Sul, por exemplo, ocorriam reuniões de grupos pouco antes de uma reunião geral onde eram apresentadas as posições do partido, as sugestões e recomendações. Mas quando começava a discussão, os comunistas não ficavam amarrados a qualquer tipo de dogmatismo, tomavam suas decisões baseados na discussão, podendo até mudar de opinião. Lembro-me de quando fazia parte do diretório acadêmico da minha universidade em Nova

York. Eu era o líder do grupo comunista dentro da junta diretora da escola e todos os companheiros me perguntavam como eu votava. Não fazia a menor diferença o que estava sendo discutido, eu votava e era acompanhado pelos colegas.

Pergunta - *Entendo a idéia de um regime misto como aquela que se utiliza de atributos de mercado e de princípios do planejamento econômico. Gostaria, então, de saber se os comunistas devem construir um programa de regime misto socialista?*

Marquit: Todos os países socialistas, hoje em dia, reconhecem a necessidade de algum tipo de economia mista. Estão usando um certo nível de força de mercado e isso inclui Cuba. Estou inclinado a confiar na liderança chinesa, que ela tem a intenção de manter uma economia planejada com a mistura de capital privado.

Na Europa Oriental, um dos maiores problemas da economia planejada é que não havia nenhuma teoria adequada à formação de preço. O que uma indústria pagava a outra pelo que estava recebendo era muito arbitrário e agravado pelo fato de que não havia uma moeda para se fazer a comparação. A meu ver, a política econômica do socialismo ainda precisa ser elaborada, porque o plano que estava sendo utilizado só poderia ter um caráter de utopia.

Pergunta - *O sistema político norte-americano, baseado no bipartidarismo, é de fato democrático?*

Marquit: Não. Basicamente não há representação proporcional.

Pergunta - *O que você achou da aprovação do Programa Socialista e do documento de resolução política discutido no 9º Congresso do PCdoB?*

Marquit: Acho um bom programa, mesmo porque já estava familiarizado com o texto - a revista *NST* publicou-o na íntegra, em uma edição recente. Exceto pela análise dos fatos ocorridos durante o 20º Congresso (1956), basicamente vemos o mundo com os mesmos olhos. Com relação ao documento de resolução política do 9º Congresso, a preocupação com o neoliberalismo, mercado livre, segurança, saúde, desregulamentação e todas essas coisas, é uma preocupação tanto dos trabalhadores americanos quanto dos trabalhadores brasileiros. A idéia de trazer o NAFTA mais para o sul é completamente contrária ao que pensam os trabalhadores dos sindicatos. Quando li o documento, levantei algumas questões sobre avaliação da economia mundial, mas não sobre a orientação política. Se eu morasse no Brasil seria um membro ativo do PCdoB.

Pergunta - *Com o avanço tecnológico atual, como você analisa a questão da extração da mais-valia dos trabalhadores no setor produtivo e sua relação com a exploração dos trabalhadores no setor terciário?*

Marquit: Estou satisfeito com a pergunta porque sou membro da comissão econômica do Partido Comunista e a minha proposta na reunião que realizamos em janeiro foi exatamente discutir a questão da mais-valia no setor de serviços. No passado, os teóricos marxistas, à exceção de Marx, analisaram que a mais-valia estava nas indústrias básicas. Porém tomemos o exemplo dos professores que trabalham para o lucro de outros, a escola paga; ou o cantor que é contratado por um empresário. Em ambos os casos há a extração da mais-valia. Mas isso é uma parte insignificante e menor do mercado capitalista, mesmo sendo muito importante tanto nos países industrializados quanto nos menos desenvolvidos. Podemos ver em São Paulo, por exemplo, um grande setor de serviços.

Steffano

CDM Centro de Documentação e Memória Fundação Maurício Grabois



GIRAMUNDO

José Carlos Ruy

mostra que os atuais níveis oficiais que definem a qualidade do ar são muito altos e afetam parte da população.

Menem põe as costeletas de molho

À última hora, Carlos Menem ainda tentou apagar o incêndio e, surpreendendo até seus ministros da área econômica, anunciou aumentos de salários para professores (20%) e para os aposentados (aumentou o mínimo das pensões de 150 para 200 dólares), que estavam congelados desde 1990, e um programa para criar 300 mil empregos. Em vão. Ele já não engana mais ninguém e "está desesperado", diz o cientista político Atílio Boron, da Universidade de Buenos Aires.

CIA

No dia 18 de setembro de 1997, a Agência Central de Inteligência do governo americano, a famigerada CIA, completou 50 anos de existência. Criada pelo presidente Truman no início da guerra fria, ela construiu uma história de assassinatos, golpes de estado e crimes contra os povos e a democracia. E o presidente Bill Clinton, na solenidade dos 50 anos, desejou-lhe outros 50 anos de "bons serviços".

Sucessos vermelhos

Lançado em Budapeste, em agosto, o CD *Os maiores sucessos do comunismo* provocou filas de compradores nas portas das lojas. Traz clássicos como *Os partisans do rio Amur*, a *archa da Guarda dos Trabalhadores* e, claro, *A Internacional*, além de um discurso de Lênin. Seus produtores anunciam seu futuro lançamento nos EUA e, depois, no mundo.

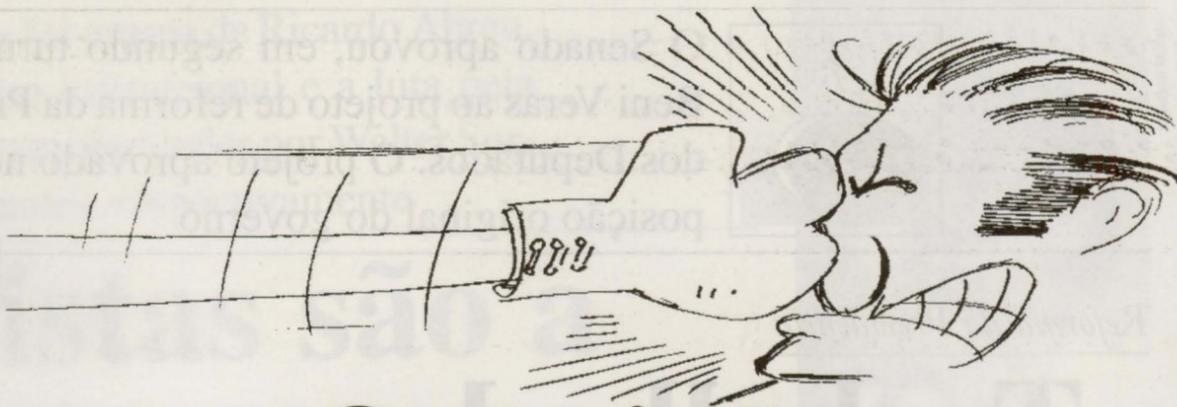
Dizem...

"Recordar é viver, vietcong acabou com você"

Coro de manifestantes em Copacabana, Rio de Janeiro, contra a visita do presidente Bill Clinton, dos EUA

"Em toda parte onde a propriedade seja um direito individual e todas as coisas se meçam pelo dinheiro, nunca se poderá organizar a justiça e a propriedade social"

Tomas Morus, filósofo, humanista, ex-chanceler da Inglaterra sob Henrique VIII, em 1516.



Oposição derrota Menem

O partido peronista sofreu sua pior derrota em Buenos Aires, capital da Argentina. O peronismo ficou com apenas 18% dos votos, contra 56,8% da oposição. A Aliança Opositorista venceu na Província de Buenos Aires e também em Santa Fé, tradicional reduto peronista, e Entre Rios.

Menem perdeu a maioria na Câmara dos Deputados. O Partido Justicialista fica com 118 deputados, a Aliança com 110 cadeiras e outros partidos com 29.

Segundo a imprensa argentina, o cenário político teve profunda transformação com a vitória da Aliança sobre o Partido Justicialista de Carlos Menem nas eleições para deputados federais de domingo, 26 de outubro.

Foi a primeira grande derrota do governo nos últimos 8 anos, e a primeira derrota eleitoral do peronismo no governo, desde 1946.

A vitória oposicionista superou as expectativas. Menem admitiu: "A voz do povo é a voz de Deus", mas evitou fazer uma análise de sua derrota. Pelo contrário, reafirmou o rumo de seu governo até o fim de seu mandato, e disse que a oposição apóia sua orientação econômica!

Em todo o país, a Aliança Opositorista obteve 45,7% dos votos e o peronismo, 36,1%.

Onde a Aliança não estava formada, um de seus integrantes, a União Cívica Radical, obteve 7,1% dos votos, e a Frepaso, 3,1%. O Partido Justicialista só venceu na província natal de Menem, La Rioja.

A derrota da política neoliberal de Menem - e de seu servilismo aos Estados Unidos - demonstra o descontentamento crescente com a exclusão social e econômica imposta ao país. A própria Central Geral dos Trabalhadores, que estabeleceu uma "trégua" com o governo Menem, está revendo sua posição, após o resultado eleitoral. Pretende um aumento do salário mínimo (200 dólares) e da aposentadoria (150 dólares).

Queda da bolsa em Hong Kong afeta sistema financeiro internacional

A Bolsa de Hong Kong quebrou no dia 23 de outubro. Foi o nível mais baixo da bolsa da ex-colônia britânica em dez anos. Na quinta-feira, o índice Hang Seng, seu principal indicador, despencou 10,4%. No dia seguinte, registrou alta de 6,98%, mas não afastou o clima de incertezas no sistema financeiro internacional. Na segunda, dia 27, Hong Kong voltou a cair, desta vez 5,8%. Para compensar os prejuízos na Ásia, no dia 23 os investidores venderam papéis em outras bolsas, provocando quedas em cadeia - em São Paulo, foi de 8,15%. A Bolsa de Londres apresentou recuo de 5,71% e a de Paris

3,68%. A última semana de outubro começou com as bolsas continuando a registrar quedas.

Segundo o jornal francês *Le Monde*, na quinta-feira "o índice de Tóquio caiu 3%, o índice das principais ações de Londres afundou 3,1% e o índice da Alemanha caiu 3,6%. Nova York acabou o dia com uma baixa de 2,3%, ou 186,88 pontos, em 7.847,77, com outros mercados mostrando perdas similares - o do Brasil e o do México tiveram uma pressão ainda maior, caindo 5% ou mais."

A crise asiática, que começou em julho na Tailândia, agora abarca a Malásia, Indonésia, Filipinas, Taiwan e Hong Kong

- a economia mais forte da região. Na Tailândia, o ministro das Finanças renunciou, incapaz de levar adiante um programa de "recuperação" de 17 bilhões de dólares, imposto pelo Fundo Monetário Internacional - é provável que o governo tailandês antecipe eleições gerais.

Investidores dos Estados Unidos e Europa temem um declínio maior do crescimento econômico na Ásia. Ao mesmo tempo, preocupam-se também com prejuízos para suas companhias em seus mercados domésticos, já que a queda de moedas asiáticas em relação ao dólar tornam os produtos asiáticos mais baratos e competitivos no exterior.

Concurso Che Guevara

Numa homenagem aos 30 anos da morte de um dos maiores símbolos de rebeldia deste século o Instituto Maurício Grabois e o Centro de Estudos Sindicais (CES) lançaram em dezembro do ano passado, o Concurso Che Guevara de prosa, poesia e cartaz.

Mais de 70 trabalhos participaram do concurso. O resultado foi o seguinte:

Cartaz: Che de todas as Américas - Recife/PE

Prosa:

1º lugar: *O navegante em seu oceano* - Goiânia/GO

2º lugar: *Vida e Façanhas do guerrilheiro mitológico* - Rio Grande do Sul

3º lugar: *No alteplano: contemplando o comandante Ernesto Che Guevara* - Brasília/DF

Poesia:

1º lugar: *Guevara o guerrilheiro* - Natal/CE

2º lugar: *Hasta siempre Comandante* - Cuiabá/MT

3º lugar: *Eu não quero ir a Paris* - Núcleo Bandeirante/DF

O anúncio dos trabalhos premiados foi feito no dia 3 de outubro no encerramento da exposição de fotos sobre o Che do arquivo de Frei Beto e do médico Reginaldo Ustajir de Reginaldo, na Puc São Paulo.



General Geisel

A ditadura militar, na versão de um de seus principais generais-presidentes - este é o conteúdo do livro *Ernesto Geisel*, que a Fundação Getúlio Vargas acaba de lançar, transcrevendo 33 horas de conversa com o general, entre 1993 e 1994. O próprio Geisel demole, em suas confidências, a imagem de déspota "esclarecido" com que certos setores tentam caracterizá-lo.

Déspota

"esclarecido"

Diz Geisel: "Acho que a tortura em certos casos torna-se necessária, para obter confissões". Ele conta que já no governo Juscelino Kubitschek (1955/1961), alguns oficiais (Geisel cita Humberto de Mello, que seria mais tarde general da linha dura) foram estudar técnicas de tortura na Inglaterra.

Democracia

"relativa"

Diz Geisel: "Todo mundo vota no Brasil, o voto é obrigatório. Vota o analfabeto, vota o favelado, o flagelado do Nordeste, e votam os jovens de 16 anos, que ainda não têm a cidadania. Qual é o discernimento que essa gente tem para escolher? Eles se deixam deslumbrar pela propaganda."

Ar mortífero

Em São Paulo, em dias de céu limpo e taxas de poluição baixas (40 microgramas/m³ de partículas inaláveis morrem normalmente 60 pessoas maiores de 65 anos, por causas naturais; em dias poluídos, com mais de 130 microgramas/m³ (nível inferior ao mínimo que a legislação considera aceitável, de 150 microgramas/m³), o número de mortes sobe para 65 - e a causa é o aumento da poluição, diz um estudo coordenado pelo Dr. Paulo Saldiva, do Laboratório de Poluição Atmosférica Experimental, da Faculdade de Medicina da USP; ele





O Senado aprovou, em segundo turno, o substitutivo do Senador Beni Veras ao projeto de reforma da Previdência oriundo da Câmara dos Deputados. O projeto aprovado no Senado é pior do que a proposição original do governo

Reforma da Previdência

Trabalhadores ganham tempo para resistir

Paulo Cassis*

O Senado mudou substancialmente o que havia sido aprovado pela Câmara. Embora negasse direitos e conquistas dos trabalhadores, a Câmara tornou a reforma amena comparando com o que propôs o governo FHC. Caminhou no sentido de retirar conquistas históricas de nosso povo, e de facilitar o processo de privatização da previdência pública.

Com alterações, a PEC 33/96 (número no Senado) retorna agora à Câmara, e passou a ser intenção do governo mudar o Regimento Interno para acelerar a tramitação e permitir a sua aprovação ainda este ano. No entanto, o golpe foi evitado com a posição, desta vez independente, assumida pelo presidente da Câmara, deputado Michel Temer. No último dia 21 de outubro, em resposta à questão de ordem formulada pelos deputados Nilson Gibson (PSB-PE) e Arnaldo Faria de Sá (PPB-SP) informou que, para aprovação definitiva, os projetos de emenda à Constituição necessitam de que seja aprovado o mesmo texto por 3/5 dos parlamentares, em dois turnos de votação na Câmara e igualmente em dois turnos no Senado. Isso significa que, se houver qualquer alteração ao substitutivo do Senado na sua nova tramitação na Câmara, o projeto retornará ao Senado. Michel Temer decidiu também que a proposta terá que ser discutida na Comissão de Constituição, Justiça e Redação e em Comissão Especial.

Com isso, os trabalhadores ganham, no mínimo, mais dois meses para convencer os parlamentares a rejeitarem a proposta. Ela terá que seguir o rito normal de uma proposição nova e sua votação final na Câmara ficará para 1998. Caso a oposição consiga uma mínima alteração no projeto, retorna ao Senado e dificilmente será aprovada antes das eleições do ano que vem.

Proposta do Senado é pior do que a do governo

O substitutivo do senador Beni Veras pode ser considera-

do, inclusive, pior que o projeto original do Governo. Na Câmara a proposta de FHC foi amenizada através dos destaques. A grande perda foi a transformação de tempo de serviço em tempo de contribuição, inviabilizando a aposentadoria dos trabalhadores que não tem o registro em carteira de trabalho. O projeto aprovado no Senado traz as seguintes alterações:

Trabalhadores em geral: além da substituição da contagem de tempo de serviço por tempo de contribuição, extingue a isenção do Imposto de Renda para os aposentados maiores de 65 anos; retira dos garimpeiros os direitos assegurados pela atual Constituição aos benefícios previdenciários; reduz a ajuda aos dependentes dos segurados de baixa renda ao salário-família e auxílio-reclusão, etc.

Servidores públicos: acaba a paridade de remuneração entre servidores da ativa e aposentados (foi introduzido um redutor que poderá diminuir os proventos de aposentadoria em até 70% da remuneração); impede a contagem do tempo de licenças prêmio não gozadas; exige para a concessão de aposentadoria o mínimo de 60 anos de idade e 35 de contribuição para os homens, e 55 anos de idade e 30 de contribuição para as mulheres; exige tempo mínimo de dez anos no serviço público e cinco anos no cargo efetivo para o cálculo inicial integral dos proventos (a ser submetido após ao redutor de até 70%); acaba com a aposentadoria proporcional; institui o desconto previdenciário para os aposentados; permite que os militares tenham regime previdenciário distinto dos civis.

O caminho para a privatização da previdência foi escancarado, com a definição do regime de previdência privada, de caráter complementar e organizado de forma autônoma em relação ao regime geral de previdência social, baseado na constituição de reservas e não na capitalização, que significaria maior segurança. Desta forma, o trabalhador submetido à



previdência privada corre o risco de ser passado para trás e ficar sem a sua aposentadoria.

O limite máximo para o valor dos benefícios do regime geral de previdência social é fixado em R\$ 1.200,00.

Ao invés de aumentar o valor das aposentadorias dos trabalhadores do setor privado e criar condições para que quem comece a trabalhar desde cedo possa mais cedo se aposentar, a proposta de reforma da Previdência condena os trabalhadores a trabalhar até a morte, ou quando por sorte conseguem se aposentar, a sobreviver com rendimentos iníquos.

Em relação aos servidores públicos, que hoje detém melhores condições de aposentadoria, procura nivelar às condições precárias da aposentadoria do setor privado. Mas abre um filão para o enriquecimento do setor privado às custas da previdência dos trabalhadores.

Cálculos atuariais indicam que o montante arrecadado pela

Previdência permitiria o pagamento da aposentadoria integral e demais benefícios ao conjunto dos trabalhadores sem maiores problemas. A sonegação por parte dos empregadores, o desvio dos recursos para outros fins e mesmo o roubo por quadrilhas organizadas do dinheiro das contribuições são a causa verdadeira dos problemas enfrentados.

A reforma da Previdência aprovada pelo Senado é inaceitável para os trabalhadores. Faz parte do conjunto de medidas que engordam os oligopólios às custas do suor e do sangue do povo.

A intervenção decidida dos trabalhadores, a retomada enérgica da luta contra a reforma previdenciária pelos trabalhadores do setor público e privado pode significar nessa questão uma vitória importante contra o projeto neoliberal.

Assessor da Liderança do PCdoB na Câmara dos Deputados.

Mobilização nacional contra o neoliberalismo

A Central Única dos Trabalhadores aprovou um calendário de mobilização, até dezembro, envolvendo uma série de atividades e manifestações nacionais. Na primeira quinzena de novembro, deverão ser realizados atos conjuntos das categorias em campanha salarial, sendo possível, inclusive, a convocação de uma greve de 24 horas. Estão em campanha os petroleiros, os bancários, os servidores federais e os metalúrgicos.

No dia 12, deverá acontecer uma carreta nacional, rumo a Brasília, em protesto contra a reforma da Previdência. A carreta em Defesa de uma Previdência Pública e de Qualidade deverá sair de diversos pontos do país. Em várias cidades estão sendo coletadas assinaturas contra a retirada de direitos dos trabalhadores na Previdência pública e as alterações na aposentadoria.

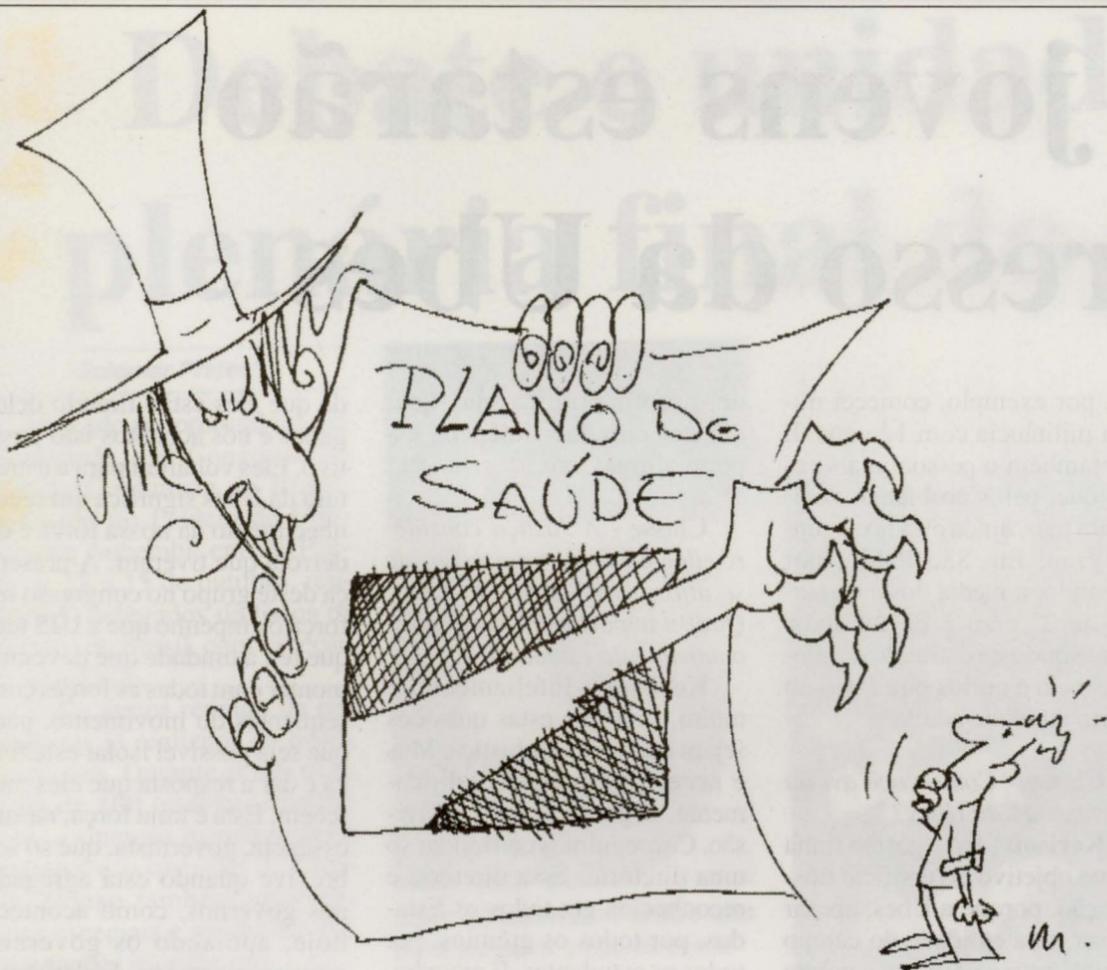
No dia 5 de dezembro, será realizada uma Marcha pelo Emprego, organizada pelos participantes do Encontro Nacional contra o Neoliberalismo, por Terra, Trabalho e Cidadania, que tem início no dia 6 em São Paulo. A marcha terá a participação de entidades estudantis, sindicais e do movimento popular. As entidades promotoras do encontro estão preparando um texto base com propostas sobre políticas sociais, industrial, profissional, agrária, agrícola etc. O encontro pretende reunir milhares de entidades e lideranças de base (estudantes, jovens, mulheres, negros, trabalhadores, parlamentares etc.) e deverá aprovar uma plataforma e um plano de lutas contra o projeto neoliberal de FHC. A intenção é realizar ações conjuntas durante 1998, como atos unificados no 8 de Março, Dia Internacional da Mulher; 1º de Maio, Dia do Trabalhador, entre outras datas.

Já estão marcadas mobilizações preparatórias desse encontro no Rio de Janeiro (5 de novembro), Belo Horizonte (7 de novembro) e Brasília (11 e 12 de novembro).

O presidente do PCdoB, João Amazonas, salientou a importância desse encontro, que "deverá receber o máximo de atenção do Partido, devendo para isto serem mobilizados os mandatos parlamentares, os vários níveis de comitês partidários e entidades".



O governo conseguiu aprovar na Câmara dos Deputados, a regulamentação dos planos de saúde. Só que, em vez de proteger os usuários e a população, cedeu aos lobies privados e transformou a saúde em mercadoria: só tem acesso quem pode pagar



Planos de saúde?

Jandira Feghali *

A exigência de regulamentação das diversas formas privadas de atendimento à saúde teve como resposta do governo e seus representantes na Câmara, uma adequação refinada do modelo excludente e privatizada de assistência médica. As empresas e seguradoras são elevadas à condição de "parceiras privilegiadas" do setor público, distorcendo o papel complementar do setor privado, conforme determina a Constituição.

A atuação do Bloco Parlamentar alcançou alguns avanços, mas só em questões secundárias. No essencial, foi aprovado o substitutivo do deputado Pinheiro Landim, em tudo semelhante à proposta original do governo e da Associação Brasileira de Medicina de Grupo, com ótica fundamentalmente mercantil. Pela primeira vez é permitida e legalizada a exclusão de doenças, doentes e procedimentos dos planos de saúde.

Os pacientes do sistema de saúde brasileiro vivem uma situação de absoluta roleta russa, por falta de financiamento adequado. É inaceitável a permissão para que planos de saúde excluam cidadãos que contribuam para o setor público. Não podemos admitir o acesso só para quem tem dinheiro ou que o plano de vida das pessoas vá até onde o bolso possa sustentar.

O segundo aspecto impor-

tante é o comando desse setor. Não é possível que as determinações sobre planos e seguros fiquem nas mãos da equipe econômica do governo e seja hipertrofiada a função da Superintendência de Seguros Privados (Susep). A mesma comissão que discute seguro de carro, com a mesma ótica e a mesma composição. Incluem, numa tentativa de suavizar, um representante da saúde, que só dará palpites e nada decidirá. A Câmara criada para dar opiniões não terá poder deliberativo e o setor da saúde e os usuários serão minoritários. Isto significa que a vida e a morte das pessoas, a definição de quem vive e de quem morre, de quem é excluído ou coberto estará nas mãos dos empresários.

Os aposentados e desempregados só serão beneficiários se tiverem 60 anos de idade e contribuído por dez anos. Há, no caso de inadimplência por dois meses, o risco de serem excluídos, mesmo que tenham contribuído por cinco, dez, vinte anos.

Contrariando o decreto-lei 73, com força de lei complementar, o substitutivo permite que a empresa de seguros referencie o serviço onde o paciente pode ser atendido, inviabilizando o direito de escolha do médico e do serviço pelo usuário consumidor. Isto mostra a articulação espúria a que está submetido.

Em perspectiva, os planos e seguros privados já farão valer seus objetivos, através da pres-

ção lobista para que o setor público subsidie os planos, como já ensaiou o Ministério da Saúde, através de propostas como dos fundos de alto custo e o Proer da Saúde, através de incentivos fiscais para essas empresas.

O que se tenta é mudar o modelo, fazer com que o Estado cada vez atenda menos e a um percentual menor da sociedade, em atendimentos focalizados e que o mercado seja parceiro, como determina o Banco Mundial, com entrada livre para o capital estrangeiro no setor de seguros, na saúde e na previdência. O Estado vai retirar a sua responsabilidade do atendimento aos cidadãos brasileiros. Além disso, subsidiar direta ou indiretamente esses planos de saúde que hoje tem um faturamento anual maior que R\$ 15 bilhões e não cobrem os 40 milhões de assistidos de forma integral, enquanto o SUS tem tentado sobreviver com R\$ 15 bilhões para 150 milhões de pessoas.

Pensar saúde faz pensar na vida e não em produtos expostos à compra e venda no mercado. Regular o atendimento aos cidadãos implica em garantir o seu atendimento e evitar a morte.

O Sistema Único de Saúde, única opção da sociedade, já provou que pode funcionar, e bem, mas são necessários governantes que não sucumbam permanentemente aos lobies privados.

* Deputada federal PCdoB/RJ

Congresso de Rádios Comunitárias reúne mais de 120 delegados

Rosmari de Castilhos

A praia de Boa Viagem, no Recife, foi palco do I Congresso Nacional da Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária (Abraço), nos dias 26, 27 e 28 de setembro. Estiveram presentes mais de 120 delegados representando 16 estados brasileiros. Pela primeira vez pessoas de todo país, interessadas em rádios comunitárias, estiveram reunidas para trocar experiências, estabelecer metas coletivas e discutiram a conjuntura e avaliação do movimento, o estatuto da radiodifusão comunitária, a nova lei de radiodifusão comunitária e a ação política e organizativa em todo o país. Ficou definido, entre outras resoluções, que o próximo congresso se realizará no estado do Piauí, no mês de julho em 1998.

O congresso definiu realizar algumas ações políticas e organizativas do movimento em defesa das rádios comunitárias. As principais propostas aprovadas foram: rearticular a Frente Parlamentar Pela Democratização da Comunicação e traçar metas de viabilização da nova lei de radiodifusão e aprovação da lei de radiodifusão pública; realizar uma grande campanha nacional, aglutinando várias entidades que lutam pela democratização, para pressionar o Congresso por uma regulamentação das rádios comunitárias que atenda as demandas do movimento; Desenvolver campanha junto a sociedade no sentido de ganhar segmentos para as lutas de democratização da comunicação; promover o Dia Nacional do Rompimento

do Lacre, no dia 15 de novembro de 1997; promover manifestações nas portas das rádios que fazem campanha contra as rádios comunitárias, exigindo o direito de resposta aos ataques e organizar caravana à Brasília para pressionar o Congresso pela aprovação da regulamentação da RC.

Os delegados, também decidiram por algumas mudanças no estatuto da Abraço. A mais significativa foi a alteração na forma de contribuição. Todas as entidades associadas passarão a contribuir diretamente para a Associação do seu Estado e esta repassará 30% do total arrecado para a Abraço.

O que é rádio comunitária?

A rádio comunitária é o veículo de expressão social dos membros de uma comunidade. Uma comunidade é uma população local que partilha interesses comuns.

A rádio comunitária é gerida por uma associação cultural comunitária sem fins lucrativos, tem baixa potência e é fiscalizada por um Conselho Comunitário com pelo menos cinco representantes de entidades da comunidade.

A supervisão da emissora se fará de acordo com o Código de Ética da Radiodifusão Comunitária.

Esse é o desenho que se pode fazer a partir de deliberações tiradas em Encontros e do Congresso de radiodifusores comunitários e de sentenças de Juizes Federais que concederam liminares favoráveis ao movimento de rádios comunitárias.

Lima Barreto

Uma boa notícia para a literatura brasileira. O folhetim *O subterrâneo do Morro do Castelo* que Lima Barreto publicou em capítulos no Correio da Manhã, em 1905, andava desaparecido. Era citado na biografia que Francisco Assis Barbosa fez do escritor, e não constava de suas obras completas. Mas, há oito anos, a livraria carioca Anna Paula Martins descobriu o texto na Biblioteca Nacional, e iniciou o trabalho para reconstituí-lo - copiá-lo, reconstituir o texto, organizar os originais e, finalmente, publicar o livro - cujo lançamento está marcado para o dia 24 de outubro.

A renda dos brasileiros

Os dados são da Receita Federal, e mostram que os rendimentos dos 69,6 milhões de brasileiros se dividem assim:

sem renda	1,0%
até 1 salário mínimo	26,4%
mais de 1 até 2 salários mínimos	25,6%
mais de 2 até 5 salários mínimos	30,1%
mais de 5 até 10 salários mínimos	10,9%
mais de 10 salários mínimos	6,0%

Isto é, mais da metade dos trabalhadores (53%) recebem no máximo 2 salários mínimos por mês.



O Congresso da União Brasileira de Estudantes Secundaristas (Ubes), acontece de 13 a 16 de novembro, em Juiz de Fora, Minas Gerais. O presidente da entidade, Kérison Lopes, fala sobre as atividades desenvolvidas nesta última gestão e das expectativas sobre o Congresso

Cinco mil jovens estarão no Congresso da Ubes

Por Guiomar Prates

Classe - Qual é a expectativa sobre o Congresso da Ubes?

Kérison - Nós estamos realizando o Congresso da Ubes num importante momento do país. A Ubes vem se consolidando, conquistando novos espaços e se firmando como representante das opiniões da juventude, sempre presente em todas as lutas políticas.

O congresso será um encontro de cinco mil jovens de todo o país, cada um representando a sua escola. Vai proporcionar um debate rico, a troca de experiência, e chegar à opinião que os estudantes têm em relação à educação e aos problemas que a juventude vem enfrentando.

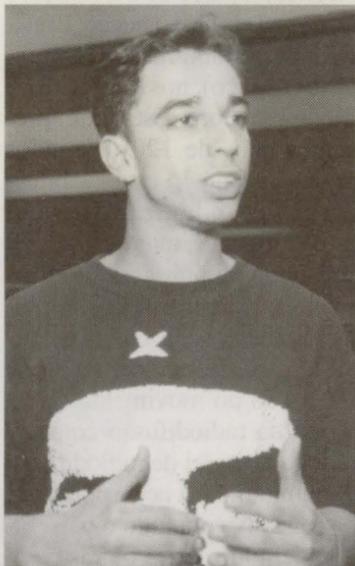
Classe - O que o Congresso da Ubes tem a ver com as dificuldades da juventude?

Kérison - O Congresso da Ubes será um momento de fortalecer a luta da oposição ao governo Fernando Henrique Cardoso. A juventude vem sendo uma das principais vítimas do projeto neoliberal em curso no país. Sofre com a falta de empregos, com a exclusão no ensino, com a falta de vagas, com a falta de perspectiva e de investimento na ciência e na tecnologia.

Este congresso será um grande ato de oposição a FHC. Queremos juntar os vários setores e as principais lideranças que têm divergências com o projeto que FHC implementa no país. Já aprovamos em outros fóruns que a Ubes defende uma frente oposicionista, ampla e de massas. Queremos levar ao Congresso personalidades que expressem essa amplitude e também as entidades que atuam com a Ubes, como CUT, Contee, CNTE, UNE e todas as que estão no dia a dia da nossa luta. É preciso unir todos estes setores para, nas ruas, derrotar este projeto e construir uma alternativa para o país.

Classe - E a preparação do Congresso? A escolha dos delegados?

Kérison - Desde o início de setembro, foram escolhidos um representante por escola e a tiragem de delegados encerrou-se no dia 26 de outubro. Foi um



Maurício Moraes

Kérison: O Congresso serve para organizar o movimento

processo rico de discussão. Procuramos politizar os debates nas escolas onde foram eleitos os delegados. No movimento secundarista, que tem uma certa instabilidade, diferente do movimento universitário, mais consolidado, estes congressos servem para organizar o movimento. Cada representante de escola, quando volta de um congresso, vai montar o grêmio, que vai tocar a luta. Pelo processo é possível ter uma idéia do que será o congresso: um debate rico e profundo opiniões que a juventude tem sobre os problemas do país.

Classe - Qual a média de idade dos participantes de um congresso da Ubes?

Kérison - É a média de idade dos secundaristas do país. Vai ao congresso uma galerinha a partir dos 12 anos, que já tem alguma participação política.

Eu, por exemplo, comecei minha militância com 12 anos. E vai também o pessoal mais velho que, pelos problemas sociais do país, ainda está no segundo grau. Em São Paulo, por exemplo, a média dos estudantes de 2º grau é de 22 anos. Gente que está entrando na adolescência e outros que estão no início da idade adulta.

Classe - Como você avalia essa gestão da Ubes?

Kérison - Essa gestão tinha como objetivo diversificar nossa ação, porque a Ubes, apesar de ser uma entidade do campo social, representa uma galera jovem, que precisa se divertir, que faz cultura, tem interesses de participação nas mais diversas áreas. Fizemos uma campanha pela indenização aos familiares dos desaparecidos políticos, participamos da campanha *Sou da Paz*, em que tratamos do problema da violência sob a nossa ótica. Nosso desafio maior é implementar a prática cultural no movimento secundarista, criando condições para que a galera que faz arte nas escolas tenha espaço para se apresentar. Vamos realizar no Rio de Janeiro a *Primeira Feira de Arte Secundarista*, no mês de dezembro, logo depois do congresso.

No Congresso da Ubes haverá painéis e espaços para debater arte e cultura, para que o congresso não seja aquele negócio chato, onde quem é engajado politicamente gosta e o restante fica perdido sem poder se expressar. Vamos criar condições para quem não está a fim

de discutir política mas quer debater cultura, violência, esporte, drogas, etc.

Classe - A Justiça considerou ilegal outra organização que se utilizava do nome da Ubes. Qual a importância disso para o movimento estudantil?

Kérison - Infelizmente, é muito ruim que estas questões sejam decididas na Justiça. Mas é necessário porque, politicamente, a gente venceu a divisão. Conseguimos consolidar só uma diretoria. Essa diretoria é reconhecida em todos os Estados, por todos os grêmios, por todos os estudantes. É reconhecida por todo o mundo político do país, inclusive pelo PMDB, de onde se origina o grupo que tentou a divisão, o MR-8. Esta diretoria é também reconhecida por todo o mundo cultural e por toda a sociedade brasileira.

A vitória na Justiça foi importante. Pela influência que este grupo costuma ter, principalmente em São Paulo, algumas vezes ele obteve vitórias. Agora, foi derrotado em todas as instâncias e a Justiça foi bastante incisiva, qualificando esta tentativa como crime de falsidade ideológica. Politicamente, este grupelho não tinha mais o que fazer e a justiça foi justa, refletindo o que os secundaristas já tinham decidido no congresso passado.

Classe - Esse pessoal que tentou criar a Ubes paralela participará do Congresso da Ubes?

Kérison - Só lhes resta esta opção. Nós temos a informação

de que eles estão tirando delegados e nós achamos isto positivo. Eles voltarem para a estrutura da Ubes significa um reconhecimento da nossa força e da derrota que tiveram. A presença deste grupo no congresso reforça o empenho que a UJS tem que ter, a unidade que devemos montar com todas as forças conseqüentes do movimento, para que seja possível isolar esta força e dar a resposta que eles merecem. Esta é uma força, na sua essência, governista, que só sobrevive quando está agregada aos governos, como acontece hoje, apoiando os governos mais reacionários. E eles cumprem o papel de representar os interesses governistas, na maioria das vezes contra os estudantes. A mesma resposta que já demos na política, vencendo a divisão, vamos dar também dentro do congresso.

Classe - A Ubes desenvolveu neste ano uma grande campanha contra o fim das escolas técnicas. Como está esta questão hoje?

Kérison - As escolas técnicas são centros de excelência da escola pública no Brasil, servem como exemplo para outras escolas públicas, no que diz respeito a investimentos, a capacidade de preparação e tudo mais. Por isso mesmo, foi o primeiro alvo do governo no ataque à escola pública. Alterando o formato do ensino técnico no país, o governo procura adequá-lo à política neoliberal, criando uma mão-de-obra que interessa ao empresariado que gerencia essas escolas.

Nós conseguimos mobilizar os estudantes e fizemos greve em todas as escolas técnicas. No ano passado o governo não conseguiu aprovar no Congresso as mudanças que queria e fez um decreto presidencial que alterou esta rede. Nós contestamos o decreto no Supremo Tribunal Federal, mas perdemos. E hoje, apesar de toda a resistência, caminhamos para a implantação desse projeto. Em função de nossa luta conseguimos algumas vitórias, como, por exemplo, garantir que, em São Paulo, 50% da rede não seja alterada. Esperamos que, mesmo depois do Congresso da Ubes, a gente continue a luta para que não se implemente as mudanças nas escolas técnicas.



Passeata da Ubes em São Paulo em defesa das escolas técnicas, maio de 1997



PCdoB condena proposta

que convoca Constituinte para 99

O líder do PCdoB na Câmara, deputado Aldo Arantes, criticou a Proposta de Emenda Constitucional do deputado Miro Teixeira (PDT-RJ) que convoca Assembléia Nacional Constituinte para 1999. Na opinião de Aldo, a proposta "abre as portas para que o governo, com mais facilidade, desmonte a Constituição para ajustá-la ao projeto neoliberal".

Na avaliação do líder comunista, a proposta do deputado Miro incorre em inconstitucionalidade. A Constituição, em seu parágrafo 2º, afirma que "a proposta (de emenda à Constituição) será discutida e votada em cada Casa do Congresso Nacional, em dois turnos, considerando-se aprovada se obtiver, em ambos, três quintos dos votos dos respectivos membros". A alteração constitucional deve obedecer normas rígidas, para impedir que um governo, em vez de adequar seus planos à Carta Magna, queira, como pretende FHC, ajustar a Constituição ao seu projeto.

Aldo avalia, ainda, que a utilização de conceitos como "assembléia revisora" ou "congresso revisor" encobrem a pretensão de se alterar o texto constitucional, burlando as regras permanentes de revisão, reforma ou emendas ali já previstas. O deputado Miro Teixeira propõe alterar questões relacionadas com os direitos políticos, os partidos políticos, a reforma tributária e o pacto federativo.

Para o líder do PCdoB, as propostas de alterações constitucionais que estão sendo implementadas pelo governo de Fernando Henrique visam uma globalização ou integração submissa do país à chamada nova ordem mundial. Aldo considera a proposta do deputado Miro inconveniente, despropositada e inconstitucional. Se ela for eventualmente aprovada, o PCdoB recorrerá judicialmente, através de uma Ação Direta de Inconstitucionalidade.

Vereador comunista em Três Passos

Desde o dia 1º de setembro o PCdoB conta um vereador em Três Passos, Rio Grande do Sul. Lírio Luiz Neuland, primeiro suplente, assumiu as funções, através de acordo com o PT. Na eleição, os dois partidos estiveram juntos na frente que elegeu um vereador. Neuland é o primeiro vereador na região considerada o celeiro gaúcho. Ele defende a valorização do Legislativo, "tão sufocado pelo Poder Executivo em todas as instâncias". Segundo o vereador comunista, "a população de Três Passos sente as dificuldades impostas pelo neoliberalismo e o Plano Real, que tem o apoio da prefeitura".

Liza Prado homenageia cientista

A vereadora Liza Prado, do PCdoB de Uberlândia-MG, homenageou o cientista dr. Warwick Estavan Kerr, conferindo-lhe a medalha de mérito municipal Augusto César. O professor Kerr concentrou sua área de pesquisa no melhoramento da alimentação humana, e possui mais de 400 trabalhos publicados. Ele já recebeu inúmeras condecorações, inclusive a de membro estrangeiro da National Academy of Sciences, dos Estados Unidos, e a Ordem Nacional do Mérito Científico no Grau da Grã Cruz. Foi presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, de 69 a 73, e da Sociedade Brasileira de Genética, de 64 a 66 e de 94 a 96. Atualmente preside a Associação dos Amigos do Museu do Índio de Uberlândia.

Deputado fraudar decisão do plenário da Câmara

O deputado Moreira Franco (PMDB-RJ) apresentou redação de Projeto de Emenda Constitucional 173-B em que altera 14 pontos importantes, desrespeitando o que foi decidido em plenário. O ponto mais polêmico é o que tenta suprimir o Regime Jurídico Único, ao contrário do que foi aprovado. Em outro ponto, o relator substituiu o termo **demissão** por **exoneração** de servidores não estáveis. Ao contrário da exoneração, a demissão exige processo administrativo, com amplo direito de defesa. O mesmo subterfúgio foi usado na substituição da expressão **critérios**, a serem obedecidos nas demissões, por **normas gerais**, mais amplo, também visando facilitar demissões em massa.

Outras alterações foram feitas pelo relator, à revelia e até mesmo em franca oposição às decisões do plenário. O relator subverteu o regimento interno da Câmara. O Bloco de Oposição reagiu energicamente à manobra e recorrerá a iniciativas judiciais, se necessário, para garantir os direitos dos servidores.

Desemprego recorde em São Paulo

O desemprego na Grande São Paulo foi recorde em setembro, com uma taxa de 16,3%, de acordo com dados coletados pela Fundação Seade/Dieese - setembro sempre foi um mês de queda dos índices de desemprego. O desemprego castiga o país como um todo: "a política do governo fez o índice de desemprego saltar para 18% no Distrito Federal. Hoje, 151 mil pessoas estão a procura de emprego em Brasília, sem achar vaga", afirmou o deputado Agnelo Queiroz (PCdoB-DF).

Eleições em Cuba

A Lição do Povo

Uma análise sobre o processo eleitoral de outubro

Dario L. Machado Rodriguez*

Este ano é o sétimo do período especial. A aguda crise econômica recessiva, de origem externa, não tem provocado uma crise política. A confirmação da estabilidade social do país, a dedicação do povo às tarefas econômicas prioritárias que são de seu maior interesse e também os dados que guiam o recente processo eleitoral, esteve presente nas urnas 97,59 % do eleitorado.

Essa não é uma cifra qualquer, sobretudo se levamos em conta que a própria política levada à diante da Revolução para superar a crise não pode evitar o surgimento de desigualdades entre nós e de tantas carências e necessidades insatisfeitas da população.

Este comparecimento revela a cultura política da grande maioria e sua identificação com um sistema social e político que assegura toda justiça social e política possível e manteve inalterada a participação política em igualdade de condições para todos os cidadãos.

De fato, as mudanças que a política econômica introduziu na divisão social do trabalho não significaram mudanças na igualdade de participação política de que gozam todos os cidadãos cubanos e que os permite, sem nenhum tipo de diferença, tomar parte no processo de reprodução do nosso organismo de poder, responsáveis por representar os interesses genuínos do povo, de governar, administrar, legislar e fiscalizar.

Se há diferenças por razão econômica, os benefícios individuais neste plano não alteram em nada os direitos e oportunidades de participação política que vêm sendo rigorosamente iguais para todos os cidadãos. Esta é uma das garantias estratégicas para salvaguardar os interesses de todo o povo e, conseqüentemente, a unidade imprescindível para continuar desenvolvendo as medidas econômicas.

A presença majoritária para exercer o voto, numa sociedade em que este não é obrigatório por lei, sendo um dever político e moral do cidadão, não é um fenômeno isolado. Basta uma rápida observação aos resultados dos outros processos eleitorais para comprová-lo. O novo se expressa na qualidade da votação, aí está a maior lição.

Quando estudamos os processos políticos da sociedade cubana e elaboramos os prognósticos para as eleições, esperávamos um comparecimento de 97%, o qual se cumpriu com



uma grande aproximação. Havíamos previsto 6,8% de votos nulos e 4,9% de votos em branco, calculados no total da população, e na realidade foram 3,98% e 3,23%, respectivamente.

A presença nesta votação revela que o povo sabe diferenciar e apreciar as reais causas da escassez e sabem como apreciar o valor que tem suas instituições de poder. É um resultado que demonstra os valores éticos e a identificação da grande maioria dos cubanos com um sistema democrático do e para o povo.

A participação de 86,6% do eleitorado nas assembléias de nomeação de candidatos já havia adiantado sobre o posterior comportamento eleitoral, ao destacar a consciência que tem a maioria dos eleitores da sua importância em nosso sistema democrático.

Ninguém decide pelo povo quem são os candidatos, é o povo que os indica e o seu próprio interesse em ter os melhores delegados é a principal garantia de uma boa nomeação. A eleição determina finalmente entre os melhores quem é eleito pelo povo para o representar.

Um estudo feito em maio deste ano com 1763 entrevistados maiores de 16 anos de todas as províncias do país, demonstrou a identificação com o sistema eleitoral do país, ao confirmar que 93% não só elegeram como também propuseram seus representantes.

É evidente que há muito por fazer para alcançar os níveis de eficiência que o país necessita, que há erros, travas burocráticas, falta de controle e muitas outras deficiências no funcionamento social, mas o povo sabe discernir os esforços e os resultados.

Outro estudo mais recente, feito como parte da elaboração do prognóstico com uma mostra de 3371 cubanos adultos escolhidos ao acaso nos 169 municípios do país e combinado com as respostas às perguntas sobre o funcionamento do poder

popular e dos delegados. Somente um em cada dez acredita que o Poder Popular está fazendo menos esforço que antes do período especial, esforço que, por outro lado, é reconhecido por 83% dos entrevistados, valorizando seus resultados.

Ao valorizar o trabalho dos delegados, os entrevistados expressaram estes critérios:

Excelente	6%
Muito bom	11%
Bom	40%
Regular	31%
Mal	6%
Muito mal	1%
Péssimo	1%
Não sabe	4%

Estes resultados contribuem também para explicar porque 61,9% dos delegados municipais foram novamente nomeados e reeleitos em 49,5%, demonstrando clara de confiança e reconhecimento do mérito.

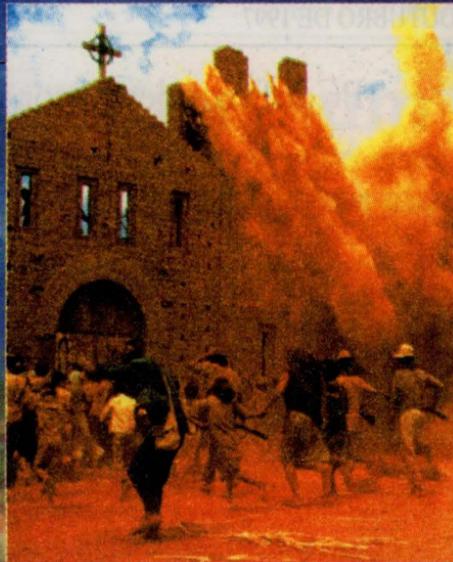
A realização dessas assembléias com grupos menores de eleitores é, sem dúvida, um acerto organizativo do Poder Popular que tem resultados sociais e políticos positivos. O estudo de agosto constatou que 73% dos entrevistados consideraram melhor este método, 61% afirmaram ser assim maior a intervenção e participação das pessoas e 45% expressaram existirem novos problemas agora. Os delegados recém eleitos estarão agora melhor acompanhados em seu mandato, por um eleitorado que tem maior consciência da importância de sua própria participação e mais confiança em suas próprias forças.

Os dados falam por si mesmos. Resta agora a segunda votação e as próximas eleições de delegados para as Assembléias das Províncias e dos deputados para a Assembléia Nacional do Poder Popular. Há muitas razões para esperar que seja uma nova demonstração de unidade, patriotismo e cultura política de nosso povo.

Oficina do Comitê Central do Partido Comunista de Cuba



SEM MEDO DO ESPETACULO



Estevam Avelar/divulgação



Cloves Geraldo

O cinema brasileiro não é pródigo em épicos. Os dois maiores exemplos são *Batalha dos Guararapes*, de Paulo Thiago, e *Independência ou Morte*, de Carlos Coimbra. Ambos dos anos 70, época da ditadura militar. Ninguém mais se lembra, ou pelo menos procura esquecer, principalmente do segundo, feito para louvar os 150 anos do *Grito do Ipiranga*, durante o governo de Médiçi.

Tinha Tarcísio Meira e Glória Menezes em grande estilo. *Guerra de Canudos*, de Sérgio Rezende (*Lamarca, Doida Demais, O Homem da Capa Preta*) nada tem a ver com os dois exemplos citados. É um épico em ritmo de *thriller*, ou seja, com ação o tempo inteiro. O que predomina é o homem construindo a sua história.



Mulheres e crianças do Arraial de Canudos, dias antes do massacre final, em foto da época

Ao longo de três horas, os 800 figurantes emergem com função clara. Os cenários grandiosos, que custaram parte dos R\$ 6 milhões investidos em sua produção, inclusive o R\$ 1.200 mil da Columbia Pictures (leia-se Sony Corporation), contribuem para uma estética onde a história flui com facilidade. A igreja, os casebres, o vestuário, os equipamentos realçam o espetáculo. Em tons avermelhados, pungente de tensão, a fotografia primorosa de Antonio Luiz Mendes contribui para o clima de pesadelo em que o filme vai, aos poucos, se transformando. E se completa com a montagem de Isabelle Rathery, que deve muito ao diretor russo Sergei Eisenstein (*Outubro, Encouraçado Potemkin, Ivan, O Terrível*), principalmente em *Alexandre Nevsky*, na composição precisa das cenas de batalha.

A história foge ao que se esperava de um filme tendo Antônio Conselheiro (José Wilker), líder da revolta de Canudos (1893 a 1897), como um de seus personagens. Centra-se na família de Zé Lucena (Paulo Betti), pequeno sitiante, expulso da terra pela seca. É Lucena quem impulsiona a história, povoada de

figuras familiares àqueles acostumados aos filmes nacionais. Ali estão o coronel explorador, o beato que cataliza a insatisfação para o messianismo e, sobretudo a ferocidade da seca.

Rezende remete o público à modernidade das seitas

Zé Lucena engrossa o grupo de seguidores de Conselheiro, sem questionar a estrutura social que o levou até a seu líder.

Aceita o que o coronel paga-lhe pela terra. Apanha do coletor de imposto da República nascente, e vê a filha mais velha, Luíza (Cláudia Abreu), partir sem rumo. A mulher (Marieta Severo), a princípio casmurra, segue-o junto com a outra filha, Tereza (Dandara Guerra) e o filho. E termina em Monte Santo, onde Conselheiro

irá fincar sua "comunidade libertária". Nessa viagem, Rezende remete o público à modernidade, às seitas protestantes e fundamentalistas, com seus códigos de honra, sua lealdade cega a um homem, que parece aos seguidores a "encarnação" do Senhor. Mas acrescenta-lhes o senso de liberdade e justiça, aliado à busca de um lugar digno para viver.

Essa obediência cega de Lucena contrasta com a rebeldia de sua filha Luíza. Jovem, cheia de ímpetos. Ela ignora os poderes de Conselheiro. Trata-o como a um farsante. Sua evolução caminha do prostíbulo à paixão e chega à descoberta de algo para além da promessas da república nascente. São iguais na beleza, na novidade, mas também nas ciladas, na tendência a ver tudo pelo lado do imediato. Rezende mostra suas contradições em meio a batalhas, idas e vindas por camas, caminhos e muito sofrimento.

Seus antagonistas - dela e do pai, pois Conselheiro é apenas o catalizador de sua condição de párias - são as elites da república nascente, a burguesia entricheirada no Rio de Janeiro e seus executores. Não se pode usar outro termo, pois os defensores do novo sistema de poder querem

que os conselheiristas adiram a ele, sob pena de perecerem sob bala de canhão e baionetas. Primeiro o ensandecido Moreira César (Tonico Pereira), depois o general (José de Abreu), com métodos mais racionais, mas não menos violentos, baseados em ordens do presidente da República, marechal Deodoro da Fonseca, para exterminar Canudos.

Mulheres passivas e mulheres combatentes no arraial

Quando o general manda suas tropas flanarem a bandeira e tocarem o hino nacional, os conselheiros respondem com balas. O silêncio e o medo se estabelecem. A fé continua a manter Conselheiro e seus seguidores firmes. Mas há também o senso de que, pela primeira vez, puderam desfrutar de um espaço que lhes pertencia sem pressões de coronéis e nobres decadentes. Numa das mais belas cenas do filme, quando o cerco a Canudos aumenta, dezenas de mulheres, com seus véus negros, enchem a igreja, numa referência a uma tela de Giotto. Elas rezam apenas.

O contraste é estabelecido pela mulher de Zé Lucena. Estar em Canudos é, para ela, encontrar seu espaço. Torna-se uma combatente. E serve de exemplo para a filha, Luíza, que amadurece em meio à batalha e põe fim a um dos símbolos da República: Luís (Selton Mello), o tenente que comanda a *matadeira*, canhão usado para dizimar Canudos. Rezende é otimista em relação ao obscurantismo, que permeia as relações sócio-políticas hoje predominantes: a história continua a caminhar em zig-zag.

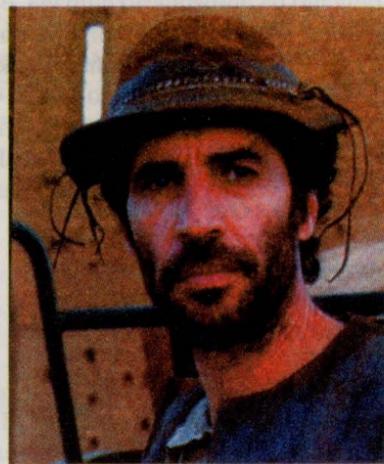
Canudos tem como um de seus pilares o trágico. Também não lhe escapam o humor, a ironia, o sentido de que é preciso fazer o espetáculo, sem perder o senso da arte, do lúdico (a esplêndida música de Edmar Lobo). Se não é a cinematografia de Conselheiro, *Canudos* não deixa de

Cenas de Guerra de Canudos: cidade cenográfica no interior da Bahia para uma das maiores produções cinematográficas do país

mostrá-lo em seus delírios, em seu equilíbrio, ao indicar o caminho da consciência a Luíza, em meio à briga com o pai, Zé Lucena, ou aceitar a derrota, quando deixa o mascate ir embora com a família. Rezende nem mesmo esguealha-se da condenação ao Exército. O diálogo final entre o jornalista (Roberto Bomtempo) e o general que comandou o extermínio é dos mais arrojados. O militar recebe severa reprimenda.

Poucas vezes se viu um elenco tão harmonioso no cinema nacional. Cláudia Abreu deixa o aspecto de garotinha zangada que caracterizam seus personagens na TV e assume as ambiguidades de Luíza. Tonico Pereira é o próprio Moreira César em seus delírios sanguinários. Marieta Severo desaparece em vestidos, panos na cabeça e fala arrastada (salvo em cenas em que sua voz desaparece), para fazer um digna mulher do povo. Mas quem ganha as lentes e faz seu personagem povoar a tela é Tuca Andrade, como o marido de Luíza. Consegue pulsar e leva junto Cláudia Abreu. É uma grata surpresa.

Nesse emaranhado de acertos, ficam duas imagens emblemáticas do filme: a dos cachorros brigando sob os escombros de Canudos, como se nada mais restasse senão restos humanos e a memória histórica, e a de Luíza respondendo à sua irmã Tereza, depois de esta lhe perguntar para onde iriam e de quê viveriam: "Para qualquer lugar, depois a gente vê", responde. Este tem sido o traço permanente da República: o povo continua indo para qualquer lugar à espera do que vai dar.



Zé Lucena (Paulo Betti): drama familiar serve para a narração épica

CDM
Guerra de Canudos, produção nacional, 1997. Mariza Leão. Roteiro: Paulo Helme e Sérgio Rezende. Direção: Sérgio Rezende. Elenco: Cláudia Abreu, Paulo Betti, Roberto Bomtempo, Tuca Andrade, Marieta Severo, Elton Zé Almeida, José de Abreu, Tonico Pereira. 180 minutos.

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Cravois